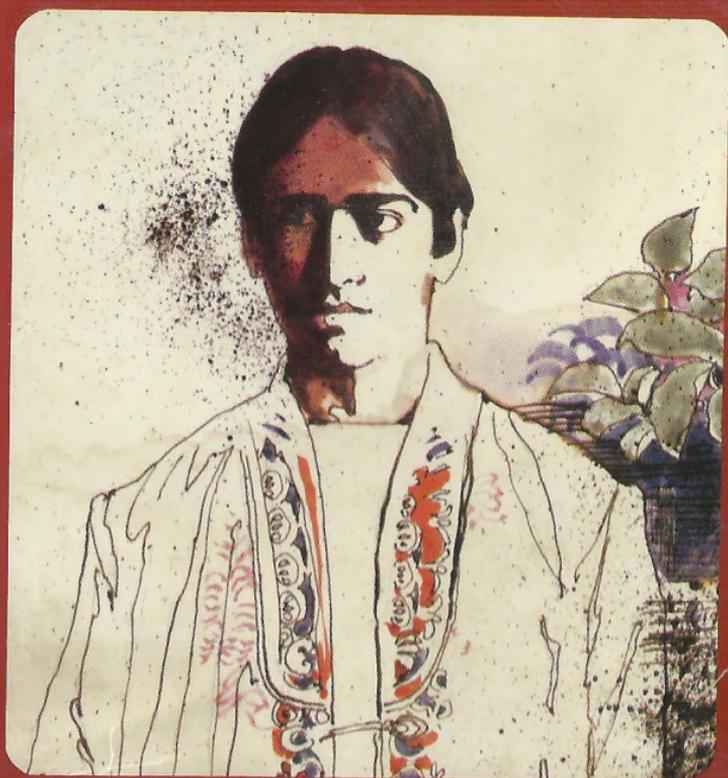
SABEDORIA E PENSAMENTO

Krishnamurti

A Arte da Libertação

EDIOURO/20612

SABEDORIA E PENSAMENTO

JIDDU KRISHNAMURTI, teósofo hindu, nasceu em Madras, Índia, em 1895 (ou 1897, segundo alguns historiadores). Foi educado na Inglaterra, onde suas idéias despertaram grande interesse. Em 1923, Annie Besant afirmou ser ele o Mestre do Mundo, organizando-se na Europa a Ordem da Estrela do Oriente, com sede em Ommen (Holanda) e seções nacionais, inclusive no Brasil (Instituição Cultural Krishnamurti, Rio de Janeiro).

Krishnamurti viveu todo o período de agitação do seu país, presenciando as lutas sangrentas que dividiram a Índia. Seu pensamento revolucionário logo se impôs, atraindo multidões para ouvir as suas conferências.

Krishnamurti combate todas as religiões, cultos e cerimônias, afirmando que não representam a total verdade, e que somente através do pensamento lógico o ser humano pode atingir um estágio elevado. Comprovando na prática as suas teorias, dissolveu em 1929 a Ordem da Estrela do Oriente, criada por seus seguidores e que pretendia apresentá-lo como o Mestre do Mundo.

Krishnamurti percorre o mundo, levando sabedoria e conhecimento, pronunciando as célebres conferências que o tornaram uma das maiores personalidades deste século.

Jiddu Krishnamurti

A ARTE DA LIBERTAÇÃO

Tradução de:
Hugo Veloso

Desenhos de Myoung Youn Lee baseados em motivos de tapetes indianos.

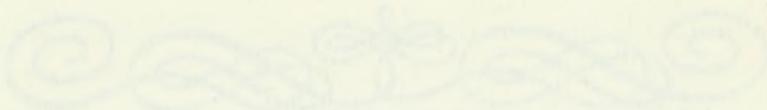
Índice

O Problema da Existência 9

A Natureza das Relações Humanas ... 31

A "Ação Integrada" 51

A Confusão da Mente 75

Taormina, onde Krishnamurti se refugiou para fugir da perseguição motivada por divergência com os hindus que não aceitavam suas idéias. De pé: George Arundale, doutora Mary Rocke, Nitya; sentados: Lady Emily, Krishnamurti e senhorita Arundale.

O Problema da Existência

Como teremos várias palestras nestas próximas semanas, acho importante seja compreendida a relação entre o orador e vós.

Antes de mais nada, o que nos interessa não são idéias nem opiniões. Não estou procurando convencer-vos a respeito de nenhum determinado ponto de vista, nem estou tentando transmitir idéia alguma, porquanto não creio que idéias, opiniões, possam operar uma modificação fundamental na ação. O que traz a transformação radical é a compreensão da verdade do que *é*. Não estamos, pois, interessados em opiniões nem em idéias.

As idéias sempre encontram resistência; uma idéia pode ser contrariada por outra idéia, e uma opinião gerar contradição. É, portanto, de todo fútil procurar a solução de um problema por meio de uma idéia. Como disse, as idéias não produzem transformação radical; e nos tempos atuais é essencial que se realize, nas condições de existência do mundo, bem como em nossas vidas individuais, uma transformação radical, uma revolução de valores. Tal transformação dos valores não pode operar-se mediante simples modificações de idéias ou substituições de sistemas.

Está, pois, entendido que não desejo persuadir-vos nem dissuadir-vos em relação a um determinado ponto de vista. Não estou também fazendo o papel de *guru* para ninguém,

pois não acho que um *guru* seja necessário para o descobrimento da verdade. Muito ao contrário, o *guru* é um verdadeiro empecilho ao descobrimento do real. Não estou, tampouco, procedendo como um guia ou chefe, incutindo uma opinião, criando uma organização; porque o guia é sempre fator de deterioração na sociedade.

Seja-me permitido sugerir que, antes de rejeitar qualquer coisa que eu disser, a examineis muito atentamente, sem tendência alguma. É dificílimo examinar uma coisa sem parcialidade, nem preconceito; mas, se queremos compreender alguma coisa, não deve haver preconceito, não se pode, simplesmente, relegar a alguma autoridade antiga o que se está dizendo. Esse é, meramente, outro método de fuga. O que desejo tentar é chamar a vossa atenção para certas coisas; e, enquanto o faço, não fiqueis como simples observadores. Porque vamos empreender juntos uma jornada com o fim de descobrir todo o desenrolar da moderna civilização, seu esplendor e sua catástrofe, em que tanto o Oriente como o Ocidente se vêem envolvidos.

É uma viagem de descobrimento que empreenderemos juntos, com o fim de observar diretamente e com toda a clareza o que está acontecendo. Para tanto, não precisais de guia, não precisais de *guru*, não necessitais de nenhuma organização, nem de opiniões. O que necessitais é uma percepção clara, para ver as coisas como são; pois, ao vermos as coisas com essa clareza, surge a verdade. Para enxergar claramente, requer-se atenção, não uma atenção esporádica, mas persistente, direta, positiva, sem distração alguma — e essa é que vai ser a nossa dificuldade.

Temos muitos problemas: políticos, econômicos, sociais e religiosos, todos eles a exigirem ação; mas, antes de podermos agir, temos de saber o que é o problema. Seria verdadeiro absurdo pôr-nos simplesmente em ação sem conhecermos todos os elementos de um problema. Em geral, porém,

interessamo-nos pela ação, desejamos sempre fazer algo.

Há problemas comunais, problemas nacionais, problemas relativos à guerra, à fome, a dissensões entre grupos de línguas diferentes, e inumeráveis outros problemas; e, em presença dos mesmos, desejamos saber o que devemos fazer. Nosso impulso, nosso motivo, consiste inteiramente, não em estudar a questão ou o problema, mas, sim, em fazer alguma coisa com relação a ele. Afinal, um problema como o da fome exige muito estudo, muita compreensão. Na compreensão há ação. Se meramente agimos em conseqüência de uma reação superficial, tal ação é de todo vã e só conduz a maior confusão.

Agora, se o quiserdes, vamos examinar com muita clareza, sensata e racionalmente, todo o problema da nossa existência. Não vou dizer-vos o que deveis pensar — como o fazem os propagandistas; mas, com o exame do que *é*, aprenderemos como pensar a respeito de um problema, o que é muito mais importante do que sermos instruídos sobre o que devemos pensar.

É tão grave na hora presente o problema mundial, tão iminente a catástrofe, tão rapidamente se vai propagando o desastre, que é coisa de todo vã pensarmos unicamente em conformidade com uma fórmula da esquerda ou da direita. Uma fórmula não pode trazer solução alguma; só pode produzir ação restrita ao seu padrão.

Assim, o que tem importância primacial é a compreensão de que estamos em presença de problemas que reclamam estudo muito cuidadoso e isento de qualquer plano premeditado ou idéia preconcebida. Não vou oferecer-vos um plano nem dizer-vos o que deveis fazer, mas vós e eu vamos averiguar, juntamente, em que consiste o problema.

Compreendendo o problema, compreenderemos a verdade relativa ao problema — o que constitui a única maneira racional de o atendermos. Se estais em busca de uma fórmula, de um sistema, sinto dizer-vos que ficareis

desapontados, uma vez que não tenho intenção alguma de dar-vos uma fórmula. A vida não tem fórmula. São os intelectuais que têm uma fórmula, para impor à vida. A esse respeito devemos ficar bem entendidos.

Sem uma intenção sincera, não chegareis jamais a compreender integralmente o problema da existência. O problema não é unicamente hindu, maharashtra ou gujerat, sendo verdadeiramente infantil considerá-lo assim. O problema é universal. Vosso problema é meu problema, é o problema de todo indivíduo, seja na Europa, na América ou na Rússia.

Pois bem; pretendo ajudar-vos a pensar corretamente; vós e eu vamos empreender uma viagem de investigação dos problemas da presente crise mundial. Para tal fim, preciso convidar-vos a cooperar. Vós e eu temos de fazer uma viagem juntos, e ao encetardes a viagem precisais estar preparados para "experimentar", observar, e perceber bem a significação dessa viagem. Por conseguinte, se assim posso expressar-me, se desejais compreender, não deveis apenas escutar objetivamente a exposição, mas experimentá-la interiormente.

Não vou ser dogmático — é estúpido ser dogmático, e as pessoas dogmáticas são intoleráveis. O homem que diz que sabe, não sabe — e devemos precaver-nos de tais pessoas. Ao encetarmos a viagem, precisamos ver bem claro o que é necessário. A primeira coisa essencial é não estarmos presos a nenhuma experiência passada: nacional, religiosa, ou pessoal.

Se vamos empreender uma verdadeira viagem de investigação, cumpre desprender-nos de tudo o que nos tolhe. Isso é difícil, sobretudo para os mais velhos, já mais firmemente radicados na tradição, na família; e para aqueles que têm conta corrente nos bancos. Os mais novos se mostrarão interessados se lhes acenarmos com uma recompensa, se garantirmos uma alegria, uma posição, uma solução imediata. Estamos, pois, cercados de

dificuldades por todos os lados.

Pois bem; qual é o nosso problema? O problema comum de nossa existência diária é, sem dúvida, o sofrimento. O sofrimento, sob diferentes formas, é a sina de todos nós: sofremos economicamente, socialmente, sofremos pela morte de alguém. Existe naturalmente um desejo de nos sentirmos em segurança no meio da insegurança, da incerteza que nos rodeia. Desejamos segurança em relação ao alimento, ao vestuário, ao teto; desejamos segurança em nossas relações, em nossas idéias. Não é isso o que procuramos? Queremos estar seguros com relação às nossas posses, — que podem ser coisas, pessoas ou idéias; e em defesa de nossas posses estamos prontos a guerrear, mutilar, destruir.

A fim de estarmos em segurança em nossas relações, em nossas posses, em nossas idéias, criamos fronteiras nacionais, crenças, deuses, chefes, etc. Quando cada um de nós está por essa maneira a procurar a segurança, é natural que haja oposição, e essa oposição gera conflito em nossa vida. Quando estamos em busca de segurança, a existência é uma batalha constante, um conflito interminável; e vendo-nos em conflito, vendo-nos aflitos, desejamos encontrar a verdade. Tal é, em síntese, a nossa situação; entraremos em pormenores à medida que prosseguirmos. O que mais importa em nossa vida é saber como evitar o conflito, como não oferecer resistência. Com toda a certeza, é este o nosso problema, não?

Em todo o mundo há guerras, há fome, luta, conflito entre povos, entre famílias, no seio da família e fora dela; há discórdia entre brâmanes e não-brâmanes, entre hindus e europeus, entre japoneses e americanos, etc., etc. Nosso problema imediato é o da alimentação, da roupa, da morada, — é saber se é possível produzir essas coisas essenciais para todos, de modo que não haja mais fome no mundo.

Cada partido, cada sistema, da esquerda, ou da direita, oferece uma solução em

A vida não tem fórmulas. São os intelectuais que têm uma fórmula, para impor à vida.

conflito com as outras, e vós e eu nos achamos igualmente no meio da luta, politicamente, economicamente e socialmente. Nossa existência é uma luta constante para manter a nossa posição, para ganhar dinheiro e conservá-lo em nossas mãos; e vemo-nos assediados por inúmeros outros problemas — o problema da morte e do que acontece após a morte, o problema da existência de Deus, da verdade, etc. Como devemos aplicar-nos a esses complexos problemas?

Todos os intelectuais que se têm ocupado com esses problemas e tentado mostrar-nos o caminho têm falhado. É esta a calamidade da moderna civilização, não achais? Os intelectuais falharam, suas fórmulas são impraticáveis, e enfrentamos diretamente o problema da fome e das relações adequadas. O que nos interessa, pois, é a ação, nossas relações, o descobrimento de uma nova maneira de encarar esses problemas. Já vimos que se os encararmos de acordo com as velhas e habituais diretrizes, não conseguimos nenhuma modificação fundamental, mas apenas mais confusão. Como, então, encarar esses problemas por maneira nova?

É bem óbvio que não podemos ficar à espera de alguém, *guru* ou guia, que venha resolver nossas dificuldades. Isso é infantil, é um modo imaturo de pensar. A responsabilidade é vossa e minha; e uma vez que falharam os chefes e os guias, uma vez que nenhuma significação têm as fórmulas e os sistemas, não podemos ficar sentados como expectadores, à espera de que nos digam o que fazer. Assim, de que maneira devemos proceder com relação a esses problemas?

Antes de agir, precisamos saber pensar. Não há ação sem pensamento. A maioria de nós, porém, age sem pensar, e o agir sem pensar nos trouxe a esta confusão. Por conseguinte, precisamos descobrir como pensar antes de saber como agir. Vós e eu precisamos encontrar a maneira correta de pensar, não achais? Se nos limitamos a citar o *Bhagavad Gita*, a Bíblia, ou o Alcorão, isso não tem significação; citar o que outra pessoa disse não

tem valor algum. Repetir uma verdade é o mesmo que repetir uma mentira. Com o repetir pensamos ter resolvido o problema. Absurdo!

A autoridade, moderna ou antiga, não tem relação alguma com o pensar correto. Só quando vós e eu descobrirmos a maneira de pensar corretamente, estaremos aptos a resolver os formidáveis problemas que nos desafiam. Se esperamos que outros façam esse trabalho para nós, esses outros se tornarão nossos chefes e nos levarão, como sempre, ao desastre.

Ora, como começar a pensar corretamente? Para pensar corretamente, precisais conhecer-vos a vós mesmos, não achais? Se não vos conheceis a vós mesmos, não tendes base para pensar corretamente, e, portanto, o que pensardes não terá valor. Vós não sois diferente do mundo; o problema do mundo é vosso problema, e o vosso "processo" individual é o "processo" total do mundo. Isto é, vós criastes o problema, que tanto é individual como universal, e para produzir a ação correta que o resolverá, deveis ser capazes de pensar corretamente; e para pensar corretamente é bem óbvio que precisais conhecer-vos a vós mesmo.

Nessas condições, nosso interesse principal não é a mera salvação pessoal, mas saber pensar corretamente, mercê do autoconhecimento. Os indivíduos criam o mundo; o indivíduo, por conseguinte, é de suma importância. Vós e eu somos responsáveis pela brutal confusão reinante no mundo — patriotismo, choque das nacionalidades, discórdias absurdas entre pessoas. Examinaremos tudo isso mais tarde, mas é perfeitamente claro que vós e eu somos responsáveis pelos sofrimentos do mundo, e não uma força misteriosa qualquer. É direta a nossa responsabilidade, e para produzir ação correta, precisamos pensar corretamente. Por conseguinte, vós e eu somos da máxima importância.

Como disse, enquanto não

souberdes o que sois, nenhuma base tereis para pensar com justeza; e esta é a razão por que é essencial conhecerdes a vós mesmos, antes de fazerdes qualquer coisa. As pessoas inteligentes dirão porventura: "Conhecemos muito bem o problema mundial." Quem diz isso não quer agir. Apresentar uma solução para o problema mundial sem se conhecer a si mesmo significa, apenas, adiar o inevitável, porquanto o problema do mundo é o problema individual de cada um, o indivíduo não está separado do mundo.

Compreender a si mesmo não significa apartar-se do mundo. Não há existência no isolamento. Coisa nenhuma vive no isolamento, e não estou propondo uma fuga à vida, uma esquiva ou um retraimento da vida. Muito ao contrário, só podeis compreender-vos a vós mesmos em relação com pessoas, coisas e idéias, e essa relação existe sempre, nunca falta. O processo de relação é um processo de auto-revelação. Não podeis renunciar às relações; se o fazeis, deixais de existir.

Nessas condições, o que estou dizendo é praticável, não é algo vago. Mas cabe-vos, em primeiro lugar, perceber o problema e depois averiguar a maneira de o enfrentar; e, enfrentando-o corretamente, estareis capacitados a resolver o problema. Eis por que vós sois da mais alta importância.

Vou falar-vos, mais adiante, sobre a maneira de uma pessoa se compreender a si mesma, para que seja correto o seu pensar e, por conseguinte, correta a sua ação com referência aos problemas que nos defrontam. Há uma diferença entre pensar correto e pensamento correto. O pensamento correto é estático, enquanto o pensar correto é flexível, está sempre em movimento. O pensar correto conduz ao descobrimento, ao conhecimento direto, e vem-nos com a observação de nós mesmos. O indivíduo varia constantemente e, por isso, necessita de uma mente sobremodo ágil. Esse é o único caminho que conduz ao pensar correto e, por conseguinte, à ação correta, pela qual tão-somente se poderá resolver a atual confusão.

● *Em vista da guerra iminente e da devastação atômica da humanidade, não é vão concentrar-nos na mera transformação individual?*

Esta é uma questão muito complicada, que requer cuidadoso estudo; espero que tenhais a paciência de acompanhar-me passo a passo e de não desistir a meio caminho. Sabemos quais são as causas da guerra; elas são bem patentes e até um colegial é capaz de discerni-las: ganância, nacionalismo, desejo de poder, divergências geográficas e nacionais, conflitos econômicos, Estados soberanos, patriotismo, uma ideologia da direita ou da esquerda impondo-se a outra, etc.

As causas da guerra são engendradas por vós e por mim. A guerra é a expressão espetacular de nossa existência de cada dia, não é verdade? Identificamo-nos com um determinado grupo nacional, religioso, ou racial, porque isso nos confere uma sensação de força; e a força, inevitavelmente, provoca a catástrofe. Vós e eu somos responsáveis pela guerra, e não Hitler, nem Stalin, nem nenhum outro *super*-chefe.

É muito cômodo dizer que os capitalistas ou os chefes desorientados são os responsáveis pela guerra. No íntimo, cada um deseja riqueza, cada um deseja poderio. São estas as causas da guerra, e os responsáveis sois vós e eu. Acho que está bastante claro que a guerra é o resultado de nossa existência diária, com a diferença, apenas, de ser mais espetacular e mais cruenta.

Uma vez que todos estamos procurando acumular posses, amontoar dinheiro, criamos, naturalmente, uma sociedade com fronteiras, limites e barreiras aduaneiras; e quando uma nacionalidade isolada entra em conflito com outra, resulta inevitavelmente a guerra — o que é um fato. Não sei se tendes pensado neste problema. Temos a guerra à nossa frente, e creio ser nossso dever averiguar quem é o responsável por ela. Um homem sensato, sem dúvida, reconhecerá que é responsável e dirá: "Vejo que estou causando esta guerra e

É muito cômodo dizer que os capitalistas ou chefes desorientados são os responsáveis pela guerra. No íntimo, cada um deseja riqueza, cada um deseja poderio. São essas as causas da guerra, e os responsáveis sois vós e eu.

vou, por isso, deixar de ser nacionalista, não terei patriotismo nem nacionalidade, não serei hinduísta, nem muçulmano, nem cristão, mas um ser humano."

Requer isso uma certa clareza de pensamento, clareza a que, em geral, nos furtamos. Se, pessoalmente, sois contrário à guerra — mas não por causa de um ideal, visto que os ideais são empecilhos à ação direta — que deveis fazer? Que deve fazer o homem sensato que se opõe à guerra? Deve, antes de tudo, purificar a sua mente, não achais? — libertar-se das causas da guerra, como, por exemplo, a avidez.

Logo, se sois responsável pela guerra, deveis libertar-vos das causas da guerra. Significa isso, entre outras coisas, que deveis deixar de ser nacional. Estais disposto a isso? Não estais, evidentemente, porque gostais que vos chamem hindu, brâmane, ou qualquer que seja o vosso rótulo. Isso significa que venerais o rótulo e o preferis a viver sensata e racionalmente; por essa razão, estais caminhando para a destruição, quer vos agrade, quer não.

Que deve fazer uma pessoa que deseja libertar-se das causas da guerra? Como sustar a guerra? Pode-se sustar a guerra iminente? O ímpeto da ganância, a força do nacionalismo, postos em movimento por todo ser humano, podem ser detidos? Não podem ser detidos, evidentemente. A guerra só será sustada quando a Rússia, a América, e todos nós nos transformarmos imediatamente e dissermos que não queremos mais saber de nacionalismo, que não seremos mais russos, nem americanos, nem hindus, nem moslens, nem alemães, nem ingleses, mas entes humanos, entes humanos em nossas relações, procurando viver felizes uns com os outros.

Se as causas da guerra forem desarraigadas de nossos corações e nossas mentes, então não haverá mais guerra. Mas o movimento de forças prossegue com ímpeto crescente. Vou apresentar-vos um exemplo: quando uma casa está ardendo, que fazemos? Procuramos salvar da casa o mais possível, e estudar as causas do incêndio; procuramos depois tijolos de

qualidade adequada, material não inflamável, um sistema melhor de construção, etc., e tornamos a edificar a casa. Em outras palavras, abandonamos a casa incendiada.

De modo idêntico, quando uma civilização está a ruir, a destruir-se, os homens sensatos que percebem que nada podem fazer para o impedir, edificam uma nova que seja à prova de incêndio. Essa é, sem dúvida, a única maneira de agir, o único método racional — e não o reformar o velho, remendar a casa que se incendiou.

Pois bem; se eu reunisse todas as pessoas convictas de que estão verdadeiramente livres das causas da guerra, que aconteceria? Em outras palavras, a paz é susceptível de organizar-se? Vede bem o que isso significa, vede o que se subentende na questão de organizar a paz. Uma das causas da guerra é o desejo de poder — individual, faccional e nacional. Que acontece se fundamos uma organização *pró*-paz? Tornamo-nos um foco de força, e o cultivo da força é uma das causas da guerra.

Temos guerras contínuas; e, todavia, quando nos organizamos em prol da paz, fazemo-lo para ter mais poder — justamente uma das causas da guerra. No momento em que nos organizamos pela paz, começamos a adquirir poderio; e tendo poder, criamos as causas da guerra. Que devo então fazer? Sendo a força uma das causas da guerra, devo opor-me à guerra, criando uma nova força? No próprio "processo" da oposição não estou criando poderio?

Por conseguinte, o meu problema é inteiramente diverso. Não é um problema de organização. Não posso falar a um grupo, mas somente a vós, como indivíduo, mostrando-vos as causas da guerra. Vós e eu devemos, como indivíduos, aplicar o nosso pensamento ao problema, em vez de o passarmos a outro. Ora, tal como na família, quando há afeição, quando há caridade, não precisamos de organização pela paz; do que necessitamos é compreensão mútua,

cooperação. Quando não há amor, há guerra, inevitavelmente.

Para compreender o complexo problema da guerra, deve o indivíduo aplicar-se a ele de maneira muito simples. Aplicarmo-nos ao problema de maneira simples, significa compreender as nossas próprias relações com o mundo. Se, nessas relações, existe uma mentalidade de força, uma mentalidade de domínio, essas relações hão de criar, inevitavelmente, uma sociedade baseada na força, na dominação, a qual, por sua vez, provocará a guerra. Posso perceber tudo isso com muita clareza, mas, se falo sobre o assunto com dez pessoas e organizo essas pessoas, que fiz eu? Criei uma força, não é? Uma vez que conto com o apoio de dez pessoas, que estão em oposição aos mercadores de guerra, sou também responsável pela guerra.

Não há necessidade de organização. A organização é o elemento-força gerador da guerra. Há necessidade de indivíduos contrários à guerra; mas, se os reunimos numa organização ou sob um credo, colocamo-nos na mesma posição do mercador de guerra. Os mais de nós ficamos satisfeitos com palavras, vivemos de palavras sem sentido; mas, se examinarmos muito atentamente, muito claramente, o problema, ele próprio nos dará a solução — não precisamos procurá-la. Assim, deve cada um de nós estar cônscio das causas da guerra e ficar livre delas.

● *Qual a solução para as questões da unidade hindu-moslim, da amizade entre o Paquistão e a Índia, da rivalidade entre os brâmanes e os não-brâmanes? Bombaim deveria ser uma cidade livre ou fazer parte do Maharashtra?*

Se Bombaim deve ser cidade livre ou não, se deve haver amizade entre hindus e moslens, são problemas iguais aos que se apresentam aos seres humanos em todas as partes do mundo. São problemas difíceis ou são problemas infantis? Positivamente, já era tempo

de nos termos emancipado dessas puerilidades; e a isso chamais problemas momentosos? Quando vos intitulais hinduístas e dizeis que pertenceis a uma determinada religião, não estais disputando por causa de palavras? Que se entende por hinduísmo? Um conjunto de crenças, dogmas, tradições e superstições.

Religião é crença? Religião é a busca da verdade, e os homens religiosos não têm dessas idéias estúpidas. Aquele que busca a verdade é um homem religioso e não tem necessidade de etiquetas, tais como "hinduísta", "muçulmano", "cristão". Por que nos chamamos hinduístas, muçulmanos ou cristãos? Porque não somos verdadeiramente religiosos, em absoluto. Se tivéssemos amor, se tivéssemos caridade em nossos corações, não faríamos o menor caso de títulos — e isso é que é religião.

Porque os nossos corações estão vazios, enchem-se de coisas pueris... a que chamais questões momentosas! Francamente, isso é falta de maturidade. Se Bombaim deveria ser cidade livre, se deveria haver brâmanes e não-brâmanes — são estes os problemas momentosos, ou são apenas uma fachada, atrás da qual vos escondeis? Afinal, quem é que é brâmane? Decerto, não é aquele que põe as vestes sagradas. Brâmane é o homem que compreende, que não tem autoridade na sociedade, que é independente da sociedade, que não tem ganância, que não busca o poder, que está à margem de toda espécie de poder — esse é que é o brâmane. Somos pessoas assim? Não somos, evidentemente. Por que então nos rotulamos com um nome sem significação alguma? Fazemo-lo, porque isso traz proveito, nos dá uma posição na sociedade.

Um homem sensato não pertence a grupo algum, não ambiciona posição na sociedade, pois isso só produz guerra. Se fôsseis realmente sensatos, pouco vos importaria o nome que vos dessem; não veneraríeis os rótulos. Mas rótulos, palavras, se tornam coisas importantes quando o coração está vazio. Porque tendes vazio o coração, estais temerosos e prontos a matar

O nacionalismo é um veneno, o patriotismo um entorpecente, e os conflitos do mundo constituem uma distração das relações diretas com as pessoas.

os outros. É um problema verdadeiramente absurdo, esse de hindus e moslens. Francamente, senhores, ele é infantil, indigno de pessoas amadurecidas, não é verdade? Ao verdes pessoas imaturas espalhando a desordem, que fazeis? De nada serve dar-lhes cacetadas na cabeça. Ou tentais ajudá-los ou vos afastais, deixando-os fazer desordem à vontade. Como eles gostam dos seus brinquedos, vós vos retirais e edificais uma nova cultura, uma nova sociedade.

O nacionalismo é um veneno, o patriotismo um entorpecente, e os conflitos do mundo constituem uma distração das relações diretas com as pessoas. Se sabeis disso, podeis continuar a condescender com essas coisas? Se perceberdes isso claramente, não haverá mais divisão entre hinduísta e muçulmano. Nosso problema, portanto, é muito mais vasto do que a questão de se Bombaim deveria ser cidade livre, e por isso não vamos absorver-nos em problemas estúpidos, deixando de parte as questões vitais. As questões vitais estão muito próximas de nós, na batalha entre vós e mim, entre marido e mulher, entre vós e o vosso próximo. Por causa de nossa vida pessoal criamos esta confusão, estas disputas entre brâmanes e não-brâmanes, entre hinduístas e muçulmanos; vós e eu concorremos para esta confusão, somos diretamente responsáveis, e não certos chefes. Visto ser nossa a responsabilidade, cumpre-nos agir; e para agir, precisamos pensar corretamente; e para pensar corretamente, temos de lançar fora as coisas pueris, as coisas que sabemos de todo falsas e sem significação.

Para sermos entes humanos amadurecidos, precisamos desfazer-nos desses brinquedos absurdos, que são o nacionalismo, a religião organizada, o seguir alguém, política ou religiosamente. Esse é o nosso problema. Se tendes verdadeiro interesse nisso, então, naturalmente, vos libertareis de todos os atos infantis, de adotardes determinados rótulos: nacionais, políticos ou religiosos; e só então teremos um mundo pacífico.

Mas, não tendes interesse em sustar a guerra, não estais deveras interessados em ter paz no mundo. Em Puna, talvez vivais pacificamente, por ora, e pensais que de alguma maneira haveis de sobreviver. Não sobrevivereis. Fala-se de guerra entre o Hyderabad e a Nova Índia, de problemas comunais, etc. Estamos todos à beira de um precipício. Toda esta civilização em que o homem tinha tanta fé, está ameaçada de destruição; as coisas que temos criado e cultivado com tanto carinho, todas estão em jogo atualmente. Para que o homem se salve do precipício, torna-se necessária uma verdadeira revolução — não uma revolução sangrenta, mas uma revolução de regeneração interior.

Não é possível regeneração sem autoconhecimento. Sem vos conhecerdes a vós mesmos, nada podeis fazer. Temos de pensar em cada problema profundamente e de maneira nova; e para o fazer, precisamos libertar-nos do passado, o que significa que o "processo" de pensamento deve findar. Nosso problema consiste em compreender o presente, na sua enormidade, com suas inevitáveis catástrofes e desgraças — precisamos encarar tudo isso de maneira nova.

Não pode haver nada novo se transportamos sempre conosco o passado, se analisamos o presente por meio do "processo" do pensamento. Eis por que, para se compreender um problema, necessita-se o findar do pensamento. Quando a mente está tranqüila, quieta, serena, só então está resolvido o problema. Por conseguinte, é importante a compreensão de si mesmo. Vós e eu temos de ser o sal da terra, professando um novo pensamento, uma nova felicidade.

A NATUREZA DAS RELAÇÕES HUMANAS

É sobremodo difícil compreender os meandros e as complexidades das relações humanas. Mesmo quando temos muita intimidade com uma pessoa, é muitas vezes dificílimo e quase impossível conhecer-lhe os verdadeiros sentimentos e pensamentos. Isso se torna menos difícil quando há afeição, quando há amor entre duas pessoas, porque há então comunhão imediata, simultânea e no mesmo nível; mas essa comunhão é negada, quando ficamos apenas a discutir ou a ouvir no nível verbal. É dificílimo estabelecer essa comunhão entre vós e mim, porque não há comunhão, não há verdadeiro entendimento entre nós.

A comunhão deixa de existir quando há temor ou preconceito, porque nesse caso entra em funcionamento o mecanismo de defesa. Talvez eu veja as coisas de maneira diferente daquela a que estais habituados, e desejo estar em comunhão convosco, desejo comunicar-vos o que vejo. Posso não ver com exatidão ou de maneira completa; mas, se desejais examinar o que vos estou comunicando, deveis, de vossa parte, estar abertos, receptivos.

Não me estou ocupando com idéias. As idéias, para mim, não têm significação alguma. Idéias não produzem revolução, idéias não produzem regeneração; e é a regeneração que é essencial. A comunicação de idéias é relativamente fácil, mas o comungarmos uns com os outros, além do nível verbal, é sobremaneira difícil.

O que devemos estabelecer entre nós não é uma comunhão imaginária, uma comunhão mística, mas uma comunhão que só é possível quando nós dois estamos seriamente interessados em descobrir a verdade que resolverá os nossos problemas. Quanto a mim, creio em uma realidade que existe de momento em momento e que, absolutamente, não se encontra na esfera do tempo. Essa realidade representa a única solução aos múltiplos problemas da nossa vida. Quando uma pessoa percebe essa realidade, ou quando ela surge, é ela um fator de libertação; mas nenhuma soma de argumentação intelectual, de disputa, de conflito econômico, social ou religioso, resolverá os problemas gerados pela mente.

Para haver comunicação temos que comungar uns com os outros, e para tal precisamos estar abertos e receptivos, não aceitando nem negando, mas investigando. Vós e eu estamos em relação, não estamos vivendo isoladamente. A verdade não é algo separado do estado de relação. As relações constituem a sociedade, e na compreensão das relações entre vós e vossa esposa, entre vós e a sociedade, encontrareis a verdade, ou, melhor, a verdade virá a vós, trazendo-vos a libertação de todos os problemas. Não podeis achar a verdade, deveis deixá-la vir a vós; e para que isso aconteça requer-se uma mente não mais perturbada pela ignorância.

Ignorância não significa a falta de conhecimentos técnicos, a falta de leitura de muitos livros filosóficos: ignorância é a falta de conhecimento próprio. Ainda que uma pessoa tenha lido muitos livros filosóficos e sagrados e seja capaz de citá-los, essas citações, que representam uma acumulação de palavras e experiências alheias, não libertam a mente da ignorância. Surge o autoconhecimento ao investigarmos e experimentarmos as tendências dos nossos próprios pensamentos, sentimentos e atos, o que significa estarmos cônscios de nosso "processo" total, nas relações, instante por instante.

O autoconhecimento, do qual trataremos mais adiante, dá-nos a exata perspectiva de

qualquer dos nossos problemas, e a exata perspectiva é a compreensão da verdade contida no problema; e essa compreensão, inevitavelmente, produzirá ação, nas relações. Por conseguinte, o autoconhecimento não se opõe à ação, não a nega. O autoconhecimento revela a perspectiva correta, ou seja a verdade contida no problema, da qual resulta a ação — essas três coisas estão sempre relacionadas entre si; não são separadas. Não há ação verdadeira sem autoconhecimento. Se não me conheço a mim mesmo, é óbvio que não tenho base para a ação; o que faço é mera atividade, reação de uma mente condicionada, e portanto sem significação. Uma reação condicionada não pode libertar-nos nem pôr ordem no caos.

Ora, o mundo e o indivíduo são um "processo" único, não são opostos um ao outro; e o homem que está tentando resolver seus próprios problemas, que são os problemas do mundo, necessita evidentemente de uma base para o seu pensar. Acho bastante claro isso. Se não me conheço a mim mesmo, falta-me base para pensar; se, desconhecendo-me a mim mesmo, ponho-me em atividade, essa atividade só poderá gerar sofrimentos e confusão — exatamente o que está sucedendo no mundo, nos tempos atuais.

Nessas condições, a investigação que nos leva ao autoconhecimento não é um processo de isolamento, não é uma fantasia nem um luxo de asceta. Pelo contrário, é uma necessidade evidente para o homem do mundo, para o pobre e o rico, e para aquele que deseja resolver os problemas do mundo. Julgo importantíssimo compreender que este mundo é produto de nossa existência diária, e que o ambiente criado por nós não é independente de nós. O ambiente existe, e não podemos transformá-lo sem nos transformarmos a nós mesmos; e para isso, devemos compreender os nossos pensamentos, sentimentos e atos, na vida de relação.

Os economistas e os revolucionários querem alterar o ambiente sem alterar o

indivíduo; mas a simples alteração do ambiente, sem a compreensão de nós mesmos, não tem significação alguma. O ambiente é produto dos esforços do indivíduo, estando um e outro relacionados entre si; não se pode alterar um deles, sem alterar também o outro. Vós e eu não estamos isolados; somos o resultado do "processo" total, o produto de toda a luta da humanidade, quer vivamos na Índia, no Japão ou na América. A soma de toda a humanidade sois vós e eu. Podemos estar conscientes ou inconscientes desse fato. Para se realizar uma transformação revolucionária na estrutura da sociedade, deve cada indivíduo compreender-se a si mesmo como um "processo" total, e não como uma entidade separada, isolada. Se está bem claro isso, podemos continuar a investigar a natureza da mente humana e do homem.

Mas deve ficar bem claro, para o homem que sente real interesse, que não pode haver uma revolução completa no mundo num nível único, econômico ou espiritual. Uma revolução total, uma revolução fecunda, só será possível se vós e eu nos compreendermos como um "processo" total. Vós e eu não somos indivíduos isolados, mas, sim, o resultado de toda a luta da humanidade, com suas ilusões, suas fantasias, desejos, ignorância, diferenças, conflitos e misérias. Não podemos começar a alterar as condições do mundo antes de termos compreendido a nós mesmos. Se perceberdes isso, dar-se-á, dentro de vós, imediatamente, uma revolução completa. Então, é desnecessário o *guru*, porque o autoconhecimento se processa minuto por minuto: não é uma acumulação de coisas ouvidas de outrem, nem se encerra nos preceitos dos instrutores religiosos.

Quando o indivíduo está descobrindo-se a si mesmo, instante por instante, em suas relações com outras pessoas, essas relações assumem significado inteiramente diverso. As relações transformam-se em revelação, em constante "processo" de autodescobrimento; e desse autodescobrimento resulta a ação.

O autoconhecimento, pois, só pode vir pelas relações e não

pelo isolamento. Relações significam ação, e o autoconhecimento é o resultado de um lúcido percebimento na ação. Exemplificando: suponhamos que nunca tenhais lido livros e sois o primeiro a investigar o significado da existência. Não tendes ninguém que vos ensine a maneira de começar — nem *guru*, nem livro, nem instrutor — e quereis descobrir o "processo" total de vós mesmo. Como começar? Só podeis começar por vós mesmo, não é assim?

Pois é este o nosso problema. O mero citar de autoridades não representa autoconhecimento, descobrimento do "processo" do "eu", e por conseguinte de nada vale. Tendes de começar como se nada soubésseis, pois só assim realizareis um descobrimento fecundo e libertador; só assim encontrareis, com vosso descobrimento, a felicidade e a alegria. Mas nós, a maioria de nós, vivemos de palavras; e as palavras, tal como a memória, são produto do passado. Um homem que vive no passado não pode compreender o presente. Cumpre-vos, pois, compreender o "processo" de vós mesmo, momento por momento, o que significa que deveis estar sempre vigilante, sempre cônscio dos vossos pensamentos, sentimentos e ações. Estando cônscio, vereis que os vossos pensamentos, sentimentos e ações não se baseiam apenas no padrão criado pela sociedade ou pelos instrutores religiosos, mas são também o produto de vossas inclinações pessoais.
Percepção dos nossos pensamentos, sentimentos e ações — eis o "processo" do autoconhecimento. Todos nós temos percebimento no sentido de que temos consciência de estar fazendo ou pensando alguma coisa; mas não estamos cônscios do motivo ou impulso que origina aquilo que pensamos e fazemos.
Procuramos alterar a estrutura do pensamento, e nunca compreendemos o criador dessa estrutura.

É essencial, portanto, que nos compreendamos a nós mesmos; porque, sem essa compreensão, sem esse "processo" de autodescobrimento, nunca haverá uma revolução

Ainda que uma pessoa tenha lido muitos livros filosóficos e sagrados e seja capaz de citá-los, essas citações, que representam uma acumulação de palavras e experiências alheias, não libertam a mente da ignorância.

criadora. Compreender a si mesmo, significa estar cônscio de cada pensamento e cada sentimento, sem tendência a condená-lo. Condenar é sustar o pensamento e o sentimento; mas, se nos abstemos de condenar, de justificar, de resistir, então, nesse caso, o pensamento se revelará todo inteiro. Experimentai, e vereis. É de suma importância isso; porque, para o advento de uma revolução criadora, ou regeneração, é essencial, em primeiro lugar, compreendermos a nós mesmos.

O introduzir modificações econômicas ou novos padrões de ação, sem compreensão de nós mesmos, tem muito pouco valor. Enquanto não nos compreendermos a nós mesmos, caminharemos sempre de um conflito para outro. Nada se pode criar quando há conflito; a criação só é possível quando cessa o conflito. Para o homem que vive numa batalha constante consigo mesmo e com seu próximo, nunca haverá possibilidade de regeneração — ele só pode ir de reação em reação. Só pode vir a regeneração quando estamos livres de toda reação, e essa liberdade só pode nascer do autoconhecimento.

O indivíduo não é um processo isolado, separado de todo, mas, sim, o "processo" total da humanidade; por conseqüência, os que sentem verdadeiro interesse e desejam realizar uma revolução de valores, radical e fundamental, esses devem começar por si mesmos.

● *A veneração das imagens,* o puja *e a meditação são coisas naturais e evidentemente úteis ao homem. Por que repudiá-las e tirar-nos o consolo que elas nos oferecem, no sofrimento?*

Compreendamos o que é meditação. Sendo uma questão complexa, tereis de prestar atenção contínua, senão perdereis a substância deste assunto. Tratemos em primeiro lugar de esclarecer os pontos principais. De início, não digo que a meditação não é necessária. Mas, antes de

dizermos se é necessária ou não, precisamos compreender o que ela significa. Meu *guru*, minhas tradições prescrevem que devo meditar, e por isso me fecho num quarto e ponho-me a meditar. Isso, decerto, não tem significação alguma. Preciso saber o que se entende por meditação.

Que entendemos por meditação? Na meditação estão implicadas muitas coisas: prece, concentração, busca da verdade ou daquilo que chamamos compreensão, desejo de consolação, etc. Consideremos a prece. Que significa ela? A prece é uma forma de súplica. Vê-se uma pessoa em dificuldades, e pede socorro a outra. Vós e eu talvez não oremos, mas há milhões que o fazem; e quando estes milhões rezam, obtêm evidentemente uma resposta, pois do contrário não rezariam. Obtêm uma certa consolação.

Quando se ora, a resposta vem de Deus, de uma entidade superior, ou vem de outra parte? Em que consiste a oração? Primeiro, repetis certas palavras; sois hinduísta, e repetis certas palavras, *mantrams*. Pela repetição de palavras, vezes sobre vezes, produzis um estado de quietude na mente. Se repetimos uma coisa sem cessar, é claro que a mente há de ficar embotada, quieta; e estando quieta, recebe uma resposta. De onde provém a resposta? Provém do que chamais Deus ou de outra parte? Por que orais? Orais, evidentemente, porque vos achais em alguma dificuldade, em algum estado que vos causa dor e sofrimento, e por isso desejais uma solução. Isto é, criastes um problema; e orando, isto é, repetindo palavras, tranqüilizais a mente, e esta recebe então uma resposta ou solução.

Quando fazeis isso, que acontece realmente? A mente superficial acha-se em estado de tranqüilidade, de inatividade; então o inconsciente nela se projeta, e tendes a resposta. Ou, expressando-o de outra maneira, tendes um problema que vos atormenta e perturba durante muitas horas e não achais a solução. Ides então dormir, dizendo: "Vou dormir sobre o caso." Ao despertardes, na manhã seguinte, tendes a solução do

problema. Que aconteceu? A mente consciente, depois de torturar-se com um problema, põe-no de parte, dizendo: "Não quero mais preocupar-me com ele"; e quando a mente consciente está quieta, em relação ao problema, o inconsciente pode projetar-se no consciente e levar-lhe a solução.

Essa resposta, podeis chamá-la "a voz tranqüila e suave", a voz de Deus, ou como quiserdes — o nome não importa. É o inconsciente que transmite a mensagem, é ele que envia a solução do problema; e a oração é um simples expediente para aquietar a mente consciente a fim de que possa receber a resposta.

Mas a mente consciente obtém uma resposta de acordo com o seu desejo consciente. Se a mente é condicionada, a resposta será sempre condicionada. Isto é, se sou nacionalista e se, por meio da prece, reduzo a mente consciente a um estado de tranqüilidade, obtenho uma resposta de acordo com o meu condicionamento nacionalista. Por isso pode um Hitler dizer: "Ouço a voz de Deus." Este é um dos aspectos desta questão da meditação.

Vem a seguir o problema da concentração, um pouco mais difícil, reclamando maior aplicação do pensamento e da atenção. Que se entende por concentração? Por concentração, entende-se exclusão. Concentrar-se num objeto, numa idéia, significa repelir e excluir todos os outros pensamentos que se insinuam na mente. Resistir à concorrência de outras idéias, procurar forçar a mente a fixar-se numa idéia, é uma batalha constante, não? Escolheis uma idéia e procurais focar a mente nessa idéia, resistindo a todos os outros pensamentos; e quando conseguis concentrar-vos nessa idéia, com exclusão de todas as outras, pensais ter aprendido a concentração perfeita. Quando fazeis isso, que acontece realmente? A concentração se torna um constante conflito de resistência.

Por que escolheis um pensamento e rejeitais todos os outros? Porque julgais que um determinado pensamento é

mais importante do que os outros, os quais considerais secundários. Por isso há conflito, há uma batalha constante entre os pensamentos secundários e o pensamento mais importante. Mas se seguis e compreendeis cada pensamento que surge, importante ou não — todos os pensamentos são importantes — não há então necessidade de focardes o pensamento numa única idéia. A concentração não é então limitante, mas tonificante, criadora.

Vede uma criança. Dai-lhe um brinquedo, um jogo, qualquer coisa que a interesse. A criança se deixará absorver inteiramente, não precisais dizer-lhe que se concentre. São as pessoas adultas, sem interesse, que se forçam a concentrar-se. O homem que faz esforço para concentrar-se, não tem interesse no que está fazendo. Se tivesse, a concentração não exigiria esforço algum. A maioria de vós entrega-se à meditação porque não tem interesse nas coisas que faz todos os dias.

A meditação, pois, vos leva para longe da vida, não faz parte da vossa existência diária. Por conseguinte, a concentração, a que chamais meditação, é, meramente, uma fuga à vida; e se conseguis fugir da vida completamente, pensais ter lucrado alguma coisa. Mas se examinardes cada pensamento, cada sentimento que se manifesta, sem condenação, nem justificação, nem resistência, então, em virtude dessa compreensão constante, desse perpétuo redescobrimento, a mente se torna muito quieta, muito serena, livre. Meditação, como vemos, não é concentração, meditação não é prece.

E temos, ainda, a prática de ritos. Por que praticais um rito? Qual a verdade em que se baseia? Morre minha mãe, e eu pratico um ritual por nenhuma razão válida. Isso traz à balha a questão da sanidade mental. Fazer uma coisa sem pensar é falta de sanidade mental; usar palavras que não têm nexo, que não têm significação, denota um estado de desequilíbrio. Por que executais ritos em intenção dos mortos? Se eles vos confortam, estais então procurando conforto e não compreensão.

Se o sabeis, por que então fazeis isso? Sabeis, é bem óbvio, que não deveis praticá-los. Alguns os praticam porque não têm outra coisa que fazer, principalmente as mulheres, e isso indica o estado de desequilíbrio em que estamos vivendo.

A prática de ritos é uma fuga maravilhosa da brutalidade da vida, de um marido brutal, da constante criação de filhos; e condenais aqueles que os não praticam. Para uns eles constituem uma fuga, para outros uma questão de tradição, de autoridade. Francamente, celebrar um rito qualquer em intenção do pai ou da mãe que faleceu, porque a tradição o manda, é um estado de desequilíbrio. Não sabeis o que significa, mas dará gosto à mãe ou ao pai ou ao vizinho. Quem faz uma coisa que não compreende é desequilibrado. Francamente, citar autoridades, executar uma coisa que não se compreende, só porque conforta, isso não é ação própria de uma pessoa bem equilibrada.

Por fim, temos a veneração de uma imagem, o ficar sentado diante de um retrato, inteiramente absorto. Por que venerais coisas mortas? Por que não venerais vossas esposas, vossos filhos e vossos vizinhos? Adorais coisas mortas, porque elas não podem reagir e podeis atribuir-lhes o que quiserdes. Não adorais os vivos porque eles podem reagir e dizer que sois muito estultos.

Pois bem, se meditação não é prece, se não é concentração, se não é rito, nem repetições de palavras, se não é adoração de imagens, que é então meditação? Para se compreender qualquer coisa, há necessidade de uma mente tranqüila. Que significa meditação?

Se percebeis que meditação não é repetir palavras, não é sentar-se à frente de uma imagem e pôr-se em estado de hipnose — se percebeis essa verdade, que acontece à vossa mente? Se percebeis a verdade acerca da oração, da adoração de imagens, se percebeis a verdade a respeito dos ritos e suas ilusões, qual é o estado da vossa mente? É claro que, se tiverdes percebido a verdade acerca de todas essas coisas, estareis libertado de todas elas, não é exato? Libertada delas,

a vossa mente se torna muito serena; e nessa serenidade, manifesta-se a realidade.

A meditação, pois, não é um disciplinar da mente e do coração em conformidade com um determinado padrão, mas, sim, um processo constante de compreensão, momento por momento. Só vem a compreensão quando há o percebimento da verdade — não de alguma verdade abstrata, mas da verdade daquilo que é real. Se tomo uma corda por uma serpente, há aí um estado de falsa representação; mas quando vejo a corda como uma corda, há verdade. Só há verdade quando vejo as coisas como são, claramente e sem desfiguração, na sua exata perspectiva; e esse "processo" de ver as coisas como são, com clareza e sem desfiguração, é meditação.

Mas é extremamente difícil perceber o que *é*, não tomar uma corda por uma serpente, porque, em geral, somos incapazes de perceber sem deformar. A meditação, portanto, é o "processo de descondicionamento" da mente; significa estar cônscio sem condenação, sem justificação ou resistência, de cada pensamento, cada sentimento, cada fantasia que surge, conforme as nossas idiossincrasias e tendências pessoais. A meditação, pois, significa libertação do passado. É a memória do passado que condiciona a nossa reação, e meditação é o processo de libertar a mente do passado.

Mas surge-nos aqui uma dificuldade. É necessário que a mente se liberte do passado, para não deformar o que *é*, para ver as coisas claramente, tais como são; e como pode a mente, que é o resultado do passado, libertar-se do passado? Só pode libertar-se a mente do passado, ao reconhecerdes que cada pensamento é produto do passado, e ao terdes plena consciência de que o pensamento não pode resolver problema algum. Todo problema é um estímulo, é um desafio sempre novo; e traduzir o novo em termos do velho é negar o novo.

Quando a mente se percebe a si mesma como o centro desfigurador, e está livre, lúcida, desvinculada do

Adorais coisas mortas, porque elas não podem reagir e podeis atribuir-lhes o que quiserdes. Não adorais os vivos porque eles podem reagir e dizer que sois muito estultos.

passado, e não mais se separa como "vós", como "eu" — está ela então tranqüila; e nessa tranqüilidade existe compreensão, inteligência, realidade. Essa é uma experiência que deve ser vivida por cada um, e que não pode ser repetida. Se a repetimos, então já é coisa velha. Mas se tendes interesse em resolver os problemas humanos, é necessária essa espécie de meditação; e quando a mente se torna naturalmente tranqüila, como uma lagoa depois do vendaval, surge então a realidade.

● *Os homens nascem desiguais; qualquer teste de inteligência pode prová-lo. Nossos shastras, reconhecendo esse fato, classificam os homens em três tipos: satva, rajas e tamas. Como podemos então considerar todos iguais, independentemente das diferenças de temperamento e de inteligência?*

É bem óbvio que todos somos desiguais. Há uma diferença enorme entre um homem e outro, entre uma mulher e outra. Mas há diferença quando amais alguém? Há desigualdade? Há nacionalidade? Quando o coração está vazio, tornam-se então muito importantes os tipos; dividimos então os seres humanos em classes, cores, raças. Mas quando amamos, há alguma diferença? Quando há generosidade no vosso coração, fazeis distinções? Vós vos dais. Só o homem que não é generoso, que vive preocupado com sua conta no banco, só a esse interessa manter essas diferenças e divisões. Para o homem que busca a verdade, não há divisões. Buscar a verdade é estar ativo, é ter sabedoria, é conhecer o amor. O homem que está seguindo por um determinado caminho não pode nunca conhecer a verdade, porque esse caminho é, para ele, exclusivo.

Todos nós sofremos, todos temos problemas, estamos carregados de preocupações e em conflitos incessantes; a morte, a aflição e o sofrimento são nossos companheiros constantes.

O princípio hierárquico é nitidamente nocivo ao pensamento espiritual. Dividir

os homens em "altos" e "baixos" denota ignorância. Uma vez que todos estamos sofrendo em diferentes níveis de consciência, o que digo é para todos. Todos nós — ricos, pobres, remediados — queremos ficar livres do sofrimento. O sofrimento é nossa condição comum; e como todos buscamos uma saída do sofrimento, o que digo é para todos.

Pois bem, visto que sofremos, nada se ganha em querermos apenas fugir a essa condição. O sofrimento não pode ser compreendido se fugimos dele, mas, sim, se o amamos e compreendemos. Compreendemos uma coisa, quando a amamos. Compreendeis vossa esposa quando a amais, compreendeis vosso próximo quando o amais — o que não significa deixar-se arrebatar pela palavra "amor".

A maioria de nós foge ao sofrimento por meio dos inúmeros artifícios engenhosos da mente. O sofrimento só pode ser compreendido quando estamos frente a frente com ele, e não quando buscamos incessantemente fugir-lhe. Por causa do nosso desejo de evitar o sofrimento, criamos uma civilização de distrações, de religião organizada, com suas cerimônias e *pujas:* e amontoamos riquezas, explorando os outros. Todas essas coisas são indicativas do nosso empenho em evitar o sofrimento. Sem dúvida, vós e eu, "o homem da rua", qualquer um pode compreender o sofrimento, bastando que lhe dê atenção. Mas, por desventura, a civilização moderna nos ajuda a fugir por meio de divertimentos, de distrações, de ilusões, de repetições de palavras, etc. Tudo isso nos ajuda a evitar o que é, e por isso precisamos estar cônscios dessas inúmeras fugas.

Só quando o homem estiver livre das suas fugas, dissolverá a causa do sofrimento. Para o homem feliz, o homem que ama, não há divisões: ele não é brâmane, nem inglês, nem alemão, nem hindu. Para esse homem não há divisões de "altos" e "baixos". É porque não amamos que temos todas essas odiosas divisões. Quando amais, tendes um sentimento de riqueza que vos perfuma a vida

e estais pronto a dividir o vosso coração com outro. Quando está cheio o coração, as coisas da mente fenecem.

• *Maharashtra é a terra de santos. Dyaneswari, Tukaram, e muitos outros filhos de Maharashtra lutaram por meio de* Bakthi Marga *para proclamar a verdade e dar assistência a milhões de homens e mulheres comuns, que ainda visitam o templo de Pandharpur todos os anos, com fervorosa fé. Esses santos deram-nos* mantrams. *Não são eles importantes?*

Acreditais que pela repetição de palavras, pela repetição de um nome, dais nutrição à alma? Ou apenas insensibilizais a mente? Sem dúvida, qualquer coisa que repetimos, vezes e mais vezes, torna a mente insensível. Não representará esta constante repetição de palavras um expediente para insensibilizar a mente e impossibilitar qualquer revolução, qualquer investigação e qualquer reação sensível?

Tornou-se uma das funções dos governos insensibilizar a mente por meio da repetição constante: "Nós estamos certos, os outros partidos errados." Pela incessante repetição de um nome, pela prática constante de um rito, não há dúvida de que a mente, que deveria ser sensível e flexível, se torna embotada. A maioria de nós tem inclinação para viver uma vida de devoção, de alguma espécie; mas infelizmente esses exercícios de repetição a destroem. Muito importa compreender que o caminho da devoção e o caminho da sabedoria não são separados. As relações, que são um processo de auto-revelação, não podem ser compreendidas quando seguimos qualquer caminho. Se desejo compreender a vida, preciso vivê-la, preciso estar ativo, cheio de sabedoria com relação à vida. Seguir um caminho, desprezando outro, significa desfiguração das coisas, um estado de contradição interior.

Interessa-vos realmente o homem comum? Duvido muito. Se sentísseis interesse pelo homem comum, não teríeis

idolatria por sistema nenhum, não haveria partido político, nem da esquerda nem da direita. Um sistema se torna importante quando não amais o homem comum, mas só amais o sistema, uma ideologia, pela qual estais dispostos a assassinar e destruir o homem comum.

Quando desejais compreender uma coisa, vós a amais; e quando amais, a vida se torna simples. É porque não tendes amor por vossa esposa ou por qualquer coisa, que isto se torna uma filosofia complicada, que achais dificílima. Quando amais a um, amais a outros, há cordialidade para com todos. Sois então sensível, flexível. Porque nos falta essa afeição flexível, cordial, vivemos de palavras, sustentamo-nos com palavras. Adoramos um sistema, com suas horríveis distinções de classe e de raça, suas fronteiras econômicas, porque nossos corações estão vazios. Para compreenderdes, precisais ter amor em vossos corações. O amor não é coisa para ser cultivada; ele nasce, pronta e imediatamente, quando não é impedido pelas coisas da mente.

Quando há amor — cordialidade, generosidade, afabilidade, compaixão — não se necessita de filosofia alguma nem de instrutores; porque o amor é a própria verdade.

A "Ação Integrada"

Visto que a todos nós interessa a ação e que, sem ação, não se pode viver, é de toda necessidade entrarmos a fundo nesta questão e procurarmos compreendê-la plenamente. É uma questão difícil, e temos de segui-la nos seus diferentes níveis; porque vivemos, em geral, uma vida desintegrada, seccionada, a nossa existência está dividida em compartimentos. Filosofias, ações e atividades existem em diferentes níveis, sem ligação umas com as outras; e esse viver conduz, inevitavelmente, à confusão e á desordem.

Assim, quando tentamos compreender o complexo problema da ação, precisamos verificar o que é atividade e o que é ação. Há uma vasta diferença entre atividade e ação. Vivemos uma vida desintegrada, em níveis diferentes, e queremos resolver os nossos muitos problemas cada um no seu nível próprio. O economista quer resolver todo o problema da existência no nível econômico, o religioso no nível psicológico ou, como costumam chamá-lo, espiritual, e o homem que crê na reforma social se interessa pela transformação exterior, pela modificação dos padrões sociais, etc.

Vemos, pois, que os mais de nós operamos em compartimentos separados, isolando o problema e procurando resolvê-lo como se ele fosse exclusivamente um problema econômico ou um problema psicológico ou espiritual, exclusivamente externo ou interno. Ora, esta ação isolada é ação desintegrada, e a ação

circunscrita é mera atividade. Isto é, quando queremos resolver um problema no seu próprio nível, como se ele não tivesse relação com outras questões importantes da vida, essa maneira de tratar o problema não passa de mera atividade. Atividade é a ação que não está em relação com o todo.

Quando dizemos: "modifiquemos primeiro o ambiente, e o resto virá por si", uma idéia dessas, sem dúvida, revela um pensar fragmentário, conducente à mera atividade. O homem não vive num único nível, mas em diferentes níveis de consciência; e separar a sua vida em compartimentos em níveis diferentes e sem nenhuma relação entre si, é obviamente prejudicial à ação.

Muito importa compreender a distinção entre atividade e ação. Eu chamaria atividade à conduta de vida baseada em níveis independentes, em níveis "desintegrados" — isto é, queremos viver como se a vida estivesse num único nível, sem nos preocuparmos com outros níveis, com outros campos da consciência. Se examinarmos tais atividades, verificaremos que se baseiam em idéias, e a idéia é um "processo" de isolamento; por conseguinte, a atividade é sempre um processo de isolamento, e não de unificação. Se analisardes a atividade, vereis que ela é o produto de uma idéia; isto é, a idéia é considerada a coisa mais importante de todas, e uma tal idéia é sempre separativa.

Uma idéia que gera atividade, ou uma atividade baseada no padrão de uma idéia, há de causar conflito, inevitavelmente — e isso é o que está acontecendo na nossa vida. Temos uma idéia e depois nos moldamos por essa idéia; mas, se a examinardes atentamente, podereis ver que a idéia é separativa. Uma idéia nunca pode ser integradora; ela sempre separa, sempre divide. Aquele que se entrega a simples atividades baseadas numa idéia, está obviamente criando malefícios, causando sofrimentos, promovendo a desordem.

A "ação integrada" não nasce de uma idéia; nasce assim que compreendeis a vida como um processo total, não fragmentado em

compartimentos separados, em atividades separadas do todo da existência. "Ação integrada" é a ação que não está baseada em idéia, ação que abrange o todo, o "processo" total; e o que é um processo total não tem a limitação de uma idéia. Assim, aquele que deseja agir seriamente, interessadamente, de maneira cabal, sem produzir desordem, deve compreender a ação como um todo, não baseado em idéia. Quando a ação se baseia em idéia, é mera atividade; e toda atividade é separativa, exclusiva.

Nosso problema, portanto, é o de como agir "integralmente", como um todo e não em diferentes níveis não relacionados entre si. Para se agir como um todo, agir integralmente, é óbvia a necessidade de autoconhecimento. O autoconhecimento não é uma idéia: é um movimento. Uma idéia é sempre estática; e se nos falta o autoconhecimento, a mera ação baseada numa idéia conduz à desordem, ao sofrimento e à dor. Por conseguinte, para a ação, necessita-se autoconhecimento.

O autoconhecimento não é uma técnica, não o temos de aprender num livro. O "processo" do autoconhecimento descobre-se nas relações, em nossas relações com um só indivíduo ou com a sociedade. Sociedade é a relação entre eu e outro homem. Só pode haver "ação integrada" quando há autoconhecimento; e o autoconhecimento é produto não de uma idéia, mas das relações, que estão em constante movimento. Se observardes, podereis ver que as relações nunca podem fixar-se, nunca podem ser limitadas por uma idéia; as relações estão em movimento constante, nunca são estáticas. Por conseguinte, a compreensão das relações é difícil, extremamente difícil, e esta é a razão por que nos voltamos para a mera atividade, para a ideação, como padrão de ação.

Nessas condições, o homem sincero não deve deixar-se envolver na atividade, mas, sim, compreender as relações,

Quando o marido exige os seus "direitos" e quer uma esposa "cumpridora de seus deveres", a relação entre os dois não passa evidentemente de mero contrato mercantil.

pelo processo do autoconhecimento. A compreensão do processo do "eu", do "meu", na sua inteireza, traz a "ação integrada"; e esta ação é completa, esta ação não criará conflito.

- *Quais são os deveres de uma esposa?*

Neste país, o marido é o patrão; ele é a lei, o senhor, porque economicamente dominante, e é ele quem diz quais são os deveres de uma esposa. Uma vez que a esposa não predomina e é economicamente dependente, o que ela diz não são deveres. Podemos considerar o problema do ponto de vista do marido ou da esposa. Se consideramos o problema da esposa, vemos que, porque não é livre, economicamente, a sua educação é limitada ou suas capacidades de raciocínio podem ser inferiores; e a sociedade lhe impôs regras e modos de conduta estabelecidos por homens. Portanto, ela aceita o que se convencionou chamar os direitos do marido; e como este é quem domina, por ser economicamente livre e ter capacidade para ganhar dinheiro, quem dita a lei é ele.

Naturalmente, onde o matrimônio é um objeto de contrato, não há limite às suas complicações. Existe então o "dever" — palavra burocrática que nada significa nas relações. Quando se estabelecem regras e se começa a inquirir sobre os direitos e deveres do marido e da esposa, isso não tem mais fim. Sem dúvida, a vida de relação, em tais condições, é horrível, não achais? Quando o marido exige os seus "direitos" e quer uma esposa "cumpridora dos seus deveres" (o que quer que isso signifique) a relação entre os dois não passa evidentemente de mero contrato mercantil. É de grande importância compreender esta questão; porque, certamente, há de haver um modo diferente de considerá-la.

Enquanto as relações estiverem baseadas em contrato, em

dinheiro, em posse, autoridade ou dominação, elas serão, forçosamente, uma questão de direitos e deveres. É evidente a extrema complexidade das relações, quando elas resultam de um contrato, em que se estipula o que é correto, o que é incorreto e o que é dever. Se sou vossa esposa e exigis de mim certos atos, como não sou independente, terei naturalmente de sucumbir aos vossos desejos, já que tendes as rédeas nas mãos. Impondes à vossa esposa certas regras, direitos e deveres, e as relações com ela se tornam, por conseguinte, uma simples questão de contrato, com todas as respectivas complexidades.

Mas não haverá uma outra maneira de considerar este problema? Isto é, quando há amor, não há nenhum dever. Quando amais vossa esposa, vós lhe dais participação em tudo — na vossa propriedade, nas vossas tribulações, vossas ansiedades, e vossas alegrias. Não a dominais: não sois o homem e ela a mulher, para ser usada e posta de parte, uma espécie de máquina procriadora, para perpetuar o vosso nome. Quando há amor, a palavra "dever" desaparece. Só o homem que não tem amor no coração fala de direitos e deveres, e neste país direitos e deveres tomaram o lugar do amor. As regras se tornaram mais importantes do que o calor da afeição.

Quando há amor, o problema é simples; quando não há amor, o problema se torna complexo. Quando um homem ama sua esposa e seus filhos, jamais pensará em dever e em direitos. Senhores, examinai vosso coração e vossa mente. É claro que isso voz faz rir — esta é uma das artimanhas dos que não gostam de pensar: rir de uma coisa é afastá-la para o lado. Vossa esposa não tem participação em vossa responsabilidade, nem em vossa propriedade, ela não tem a metade das coisas que tendes, porque considerais a mulher menos importante do que vós, como uma coisa para ser guardada e usada sexualmente, segundo vossa conveniência, quando vosso apetite o exige. Por isso, inventastes as palavras "direitos" e "dever"; e quando a mulher se revolta, atirais-lhe estas palavras. É uma sociedade estática, uma sociedade em decomposição,

a que fala de dever e de direitos.

Se examinardes ao justo o vosso coração e a vossa mente, verificareis que não tendes amor. Sem amor, não percebo a utilidade de se ter filhos. Sem amor criamos filhos feios, imaturos, incapazes de pensar; e assim serão eles toda a vida porque nunca se lhes deu afeição, porque só serviram de brinquedo e de divertimento, e para conservar o vosso nome. Para que venha a existir uma nova sociedade, uma nova civilização, não deve evidentemente haver dominação nem por parte do homem nem por parte da mulher. A dominação existe em virtude da pobreza interior. Psicologicamente pobres, que somos, desejamos dominar, descompor a criada, a esposa ou o marido. Certamente, só o sentimento afetuoso, o calor do amor, pode implantar uma nova condição, uma nova civilização. O cultivo do coração não é um processo da mente. A mente não pode cultivar o coração; mas, quando é compreendido o processo da mente, surge então o amor. O amor não é uma mera palavra. A palavra não é a coisa. A palavra "amor" não é amor. Quando empregamos essa palavra e procuramos cultivar o amor, isso é meramente um processo da mente. O amor não pode ser cultivado; mas assim que percebermos que a palavra não é a coisa, então a mente, com suas leis e suas regras, seus direitos e deveres, deixará de intervir, e só então teremos a possibilidade de criar uma nova civilização, uma nova esperança, um mundo novo.

- *Que qualidade é essa que nos dá a percepção do todo?*

Em geral, agimos sem integração. Percebemos uma parte de um dado problema, e depois agimos; e quando a nossa atividade está baseada na percepção de só uma parte e não do todo de um problema, haverá inevitavelmente confusão e miséria. A questão, pois, é de como perceber, na

sua inteireza, qualquer problema humano. Porque, quando percebemos um problema em sua inteireza e o tratamos como um todo, o problema é resolvido. Essa ação não cria novos problemas. Se sou capaz de perceber como um todo, e não apenas parcialmente, o problema da avidez, da violência, do nacionalismo, minha ação não produzirá outras catástrofes e mais sofrimentos.

Como é que nos aplicamos a um problema? Se nos aplicamos a um problema com o desejo de achar uma solução ou a causa do problema, entramos no problema com uma mente muito agitada, não é verdade? Tendes um problema e desejais achar uma solução; por conseguinte, estais muito interessado na solução e vossa mente já está ansiosa por encontrá-la. Isto é, o problema não vos interessa, só vos interessa a solução do problema. Por isso, que acontece? Porque só quereis a solução do problema, perdeis de vista a significação do problema.

Visto que vossa mente está agitada, não podeis, em absoluto, perceber o problema em sua inteireza; pois só se pode ver um problema em sua inteireza quando a mente está tranqüila. Só há percebimento do todo quando a mente está completamente tranqüila. Mas esse silêncio, essa serenidade não é provocada ou produzida por meio de disciplina ou de controle. Vem a serenidade só quando cessam as distrações, isto é, quando a mente toma conhecimento de todas as distrações.

A mente está interessada em muitas coisas, em problemas multiformes, e se ela escolhe um interesse e exclui outros interesses, nesse caso não toma conhecimento do problema integral, havendo por isso distração; mas se a mente toma conhecimento de cada interesse que surge e percebe-lhe o significado, não há então distração. Só há distração quando escolhemos um interesse central, porque então qualquer coisa estranha ao problema central constitui uma distração. Quando se escolhe um interesse central, fica a mente toda concentrada, toda absorvida nesse interesse? Não fica, evidentemente.

O amor não é uma mera palavra. A palavra não é uma coisa. A palavra "amor" não é o amor: Quando empregamos esta palavra e procuramos cultivar o amor, isso é meramente um processo da mente.

Podeis escolher um interesse central, mas, se examinardes a vossa mente, vereis que ela não se concentra em coisa alguma. Se se concentrasse em alguma coisa não haveria distrações; mas isso não é possível, porque ela tem muitos interesses. Uma distração significa que existe um interesse central, e por conseguinte tudo o que compete com o interesse central constitui uma distração. A mente que tem um interesse central e está resistindo às chamadas distrações, não é uma mente tranqüila. Essa mente está apenas fixada numa idéia, numa imagem ou fórmula, e a mente fixada em alguma coisa não é uma mente tranqüila, é uma mente cativa.

Assim, uma mente tranqüila é essencial para a percepção do todo; e só está tranqüila a mente quando compreende cada pensamento e cada sentimento que surge. Isto é, a mente se torna tranqüila quando cessa o processo de pensamento. Resistir, levantar uma muralha de isolamento e viver nesse isolamento, isso não é tranqüilidade. A tranqüilidade que é cultivada, disciplinada, forçada, a tranqüilidade sob compulsão, é ilusória, e, em tais condições, a mente jamais perceberá o problema como um todo.

O viver é uma arte, e a arte não se aprende num dia. A arte de viver não se encontra em livros, e nenhum *guru* vo-la pode dar; mas, visto que comprais livros e seguis *gurus*, vossa mente está cheia de idéias falsas, cheia de disciplinas, de regras e restrições. Porque vossa mente nunca está tranqüila, nunca está serena, é incapaz de perceber qualquer problema como um todo. Para se ver qualquer coisa plenamente, integralmente, necessita-se liberdade, e a liberdade não vem por meio de compulsão, de um processo de disciplina, de repressões, mas só quando a mente se compreende a si mesma, o que é autoconhecimento.

Essa forma superior de inteligência que é o pensar negativo, só aparece quando o processo de pensamento cessou; e nessa vigilante tranqüilidade, percebe-se o todo do problema. E só então há a "ação integrada", a ação plena, correta, completa.

• *Se a repetição de mantrams e a celebração de ritos embotam a mente, por que os psicólogos dizem que, quando a mente está concentrada numa coisa ou numa idéia, ela se torna penetrante?*

Se confiais em autoridades, estais perdido. O especialista é uma pessoa "desintegrada", e o que ele diz de sua especialidade não pode levar à "ação integrada". Porque, se citais um psicólogo e um outro cita outro psicólogo de opinião contrária, em que ficais? O que pensais e o que eu penso valem mais do que todos os psicólogos juntos. Tratemos, pois, de descobrir por nós mesmos, abstendo-nos de citar o que dizem os psicólogos e os especialistas. Este caminho só conduz à confusão mais completa e ao conflito da ignorância. A questão é esta: a repetição de um *mantram* ou a prática de um rito embota a mente? E a outra questão é: a concentração numa idéia aguça a mente? Vamos ver se descobrimos a verdade a esse respeito.

A repetição de uma palavra, por melhor que ela soe, é evidentemente um processo mecânico. Observai a vossa mente. Quando tomais a palavra *Aum* e ficais a repeti-la, que acontece à vossa mente? Se ficais repetindo essa palavra, todos os dias, vem-vos um certo estímulo, uma certa sensação, que é produto da repetição. É um processo mecânico; e pensais que uma mente que fica a repetir uma palavra é capaz de penetração ou de pensar com presteza? Costumais repetir *mantrams;* e é vossa mente penetrante, flexível, ágil?

Só podeis ver se vossa mente é ágil ou não, em vossas relações com outras pessoas. Se vos observardes a vós mesmo nas relações com vossa esposa, vossos filhos, vosso vizinho, vereis que vossa mente é obtusa. Imaginais apenas ter uma mente "penetrante" — palavra que não tem "referente" em vossa ação, em vossas relações, que nunca são claras nem completas. A mente que assim imagina é desequilibrada. A mera repetição de palavras proporciona sem dúvida um certo estímulo, uma certa sensação, mas isso só pode tornar a mente obtusa.

De modo idêntico, quando

praticais ritos, cerimônias, dia por dia, que está acontecendo? A prática de um rito, com toda a regularidade, proporciona sem dúvida um certo estímulo, tal como o freqüentar o cinema; e esse estímulo vos satisfaz. Quando um homem bebe alguma coisa, um coquetel, poderá sentir-se momentaneamente livre de inibição, mas façam-no beber continuamente, e ele se tornará cada vez mais obtuso. O mesmo acontece quando praticais ritos persistentemente: atribuís aos vossos ritos uma importância extraordinária, que eles não têm.

Vossa mente é que é responsável pelo embotamento de si mesma, que faz da vossa vida um processo mecânico. Não sabeis o que isso significa. Se refletísseis bem, se começásseis de novo, não continuaríeis a repetir palavras. Vós o fazeis, porque alguém vos disse que a repetição dessas palavras, desses *mantrams*, vos será útil. Para se achar a verdade, não se necessita de *guru* nem de livro algum; para termos a mente lúcida devemos examinar a fundo cada questão, cada movimento de pensamento, cada vibração de sentimento.

Visto que não desejais achar a verdade, tendes esse providencial entorpecente, que é o *mantram*, a palavra. Sei que continuareis a praticar esses ritos, porque o abandono dos mesmos iria criar perturbações na família, escandalizar a esposa ou o marido. Para não causar perturbações na família, preferis continuar a praticá-los. Quem continua a fazer uma coisa, sem saber o que faz, é evidentemente uma pessoa desequilibrada; e não estou nada certo de que aqueles que celebram ritos não são desequilibrados. Se alguma significação tivessem esses ritos, deveriam ter alguma repercussão na vida diária. Se sois o diretor ou o proprietário de uma fábrica e não dais aos operários nenhuma participação nos vossos lucros, pensais que tereis paz repetindo esta palavra milhares de vezes?

Homens que se utilizam dos outros e que exploram monstruosamente seus criados e empregados, celebram ritos

e repetem a palavra "paz, paz": isso é uma fuga maravilhosa. Um homem desses é uma entidade feia, desequilibrada, e por mais que fale em pureza de vida, por mais ritos que pratique, por mais que repita a palavra *Aum*, que troque as roupagens do seu Deus, isso não altera nada. Que valor têm vossos *mantrams* e vossos ritos? Falais de paz para um lado e semeais desgraças por outro. Pensais que é equilibrada essa ação? Praticareis ritos incontáveis, mas não procedereis generosamente, porque não há em vós nem uma centelha da vida.

Os mais de nós queremos permanecer embotados, porque não desejamos enfrentar a vida, e a mente embotada pode pôr-se a dormir e viver feliz num estado semicomatoso. Os *mantrams*, a celebração de ritos, ajudam a produzir esse estado de sono — e é isso o que desejais. Estais escutando palavras, mas não tendes vontade de fazer coisa alguma. É isso o que eu reprovo. Não abandonais os vossos ritos, não deixais de explorar, nunca dividireis os vossos lucros com outros, não vos interessa melhorar a vida dos não-privilegiados. Achais que tendes todo o direito a morar num palacete e que eles não o têm. Visto que não fareis coisa alguma, não sei por que escutais tão interessadamente as minhas palavras.

O segundo problema é se a concentração numa idéia pode produzir clareza ou penetração, na mente. É um problema complexo e há muitas coisas nele implicadas; vamos, pois, examiná-lo a fundo. Que significa concentração? Uma criança não fala em concentração, quando tem interesse numa coisa. Dai-lhe um relógio, um brinquedo, qualquer coisa que lhe desperte o interesse: ela ficará inteiramente absorvida nessa coisa, nada mais existe para ela, no mundo. Vós não tendes interesse e por isso fazeis esforços por concentrar-vos. Isto é, escolheis uma palavra agradável ou deleitável a que chamais "a verdade", uma qualidade que vos dá um sentimento de bem-estar, e procurais fixar a mente na mesma. Outros pensamentos se insinuam e vós os afastais, e passais o tempo batalhando

Para se achar a verdade, não se necessita de guru, nem de livro algum; para termos a mente lúcida, devemos examinar a fundo cada questão, cada movimento de pensamento, cada vibração de sentimento.

contra eles, num esforço para vos concentrardes.

Se conseguis concentrar-vos e fixar a mente numa idéia, se conseguis excluir outros pensamentos e isolar-vos com uma idéia única, pensais ter alcançado algo importante. Em outras palavras, a vossa concentração é mera exclusão. A vida é sobremodo grande para vós e por isso vos concentrais numa idéia; e pensais, então, que vossa mente se tornará penetrante. Tornar-se-á? Pode a mente tornar-se penetrante, se vive no isolamento, na exclusão? A mente é penetrante, clara, veloz, só quando é "inclusiva", quando não vive no isolamento, quando capaz de seguir cada pensamento até o fim, vendo todas as suas conseqüências. Só então é a mente capaz de se tornar penetrante, e não quando se concentra numa idéia, o que representa um processo de exclusão.

Há ainda outra questão aqui implicada: Que entendeis por "idéia"? Que é idéia? Evidentemente é um pensamento que se fixou. Que é pensamento? Pensamento é reação da memória. Não há pensamento sem memória, não há pensamento sem o passado; o pensamento, pois, nasce como reação da memória. E que é memória? Memória é o resíduo da experiência incompleta, da experiência imperfeitamente compreendida; memória, portanto, é o produto da ação incompleta.

Não posso naturalmente entrar nesta questão a fundo, visto que exigiria muito tempo. Resumindo, memória é a experiência incompleta; e essa experiência incompleta, a que chamamos memória, gera o pensamento, do qual resulta uma idéia. Logo, a idéia é incompleta, e quando vos concentrais, vossa mente é incompleta; e a mente incompleta sempre será insensível. A mente só se torna sensível quando é ágil, lúcida, quando, tendo consciência de sua própria reação, está livre da reação. Se desejamos compreender uma coisa, nós a amamos; observamo-la com toda a atenção, sem condenação, sem justificação, sem censura, sem reação. A nossa mente é então ágil, nossa ação não se baseia em idéia,

que é mero prolongamento da memória e, portanto, incompleta.

A mente que é forçada a concentrar-se, que foi imolada a uma idéia, identificada com uma idéia, é uma mente obtusa, visto que uma idéia nunca pode ser completa; e como em geral vivemos de idéias, nossas mentes são obtusas. Só quando a mente é livre, capaz de extraordinária flexibilidade, só então pode haver a compreensão da verdade.

- *Um homem dorme, quando seu corpo está adormecido?*

Que entendemos por sono? Estamos adormecidos, quando pensamos que estamos dormindo? A maioria de nós não vive sonhando, fazendo as coisas automaticamente? Quando as influências ambientes nos obrigam a determinadas ações, não estamos dormindo? Por certo, o recolher-se à cama não é a única espécie de sono que a maioria das pessoas busca. Os mais de nós queremos esquecer, queremos ser insensíveis, não ser perturbados, queremos uma vida fácil e confortável; e, assim, nos pomos a dormir, mental e emocionalmente, enquanto continuamos a fazer coisas, com grande atividade.

Para compreendermos este problema, precisamos entender a questão da consciência. Que entendemos por consciência? Não citeis o que outras pessoas disseram a respeito, seja Shankara ou Buda. Pensai por vós mesmos. Não li livros sagrados, o *Bhagavadgita* ou os *Upanishads*, nem livros de psicologia. Uma pessoa precisa pensar de maneira nova, quando deseja encontrar a verdade; não se pode conhecer a verdade por intermédio de outrem. O que se repete é mentira. Pode ser verdade para outra pessoa, mas se o repetis torna-se mentira. A verdade não pode ser repetida, ela tem de ser experimentada, e não podeis experimentá-la se estais enredado em palavras.

Teremos de verificar o que se

entende por consciência. A consciência, decerto, é um processo de reação a um estímulo, a que chamais experiência. Isto é, há um desafio, que é sempre novo; mas a reação é sempre velha. A reação ao novo, a reação a um desafio, é experiência. Essa experiência recebe uma designação, um nome, um rótulo indicando que ela é boa ou má, agradável ou dolorosa, sendo depois registrada, arquivada. Assim, a consciência, nos diferentes níveis, é o processo total do experimentar: reagir ao estímulo, dar nome e registrar. É isso, ao justo, o que se passa nos diferentes níveis do nosso ser, um processo constante, não um processo periódico: reação ao estímulo, denominação, e armazenamento, para comunicação ou conservação. Esse processo total, em níveis diferentes, chama-se consciência. Não estou inventando; se observardes a vós mesmos, vereis que é exatamente isso o que acontece.

A memória é o armazém, o registro, e é a memória que intervém, que reage ao estímulo; e a esse processo chamamos consciência. É exatamente isso o que acontece.

Pois bem, quando o corpo adormece, quando estais dormindo, que acontece? O processo continua, a mente continua ativa, não é verdade? Pode-se muitas vezes verificar como a mente continua ativa durante o sono, quando temos um problema. Durante o dia pensamos nele, torturamo-nos com ele, mas não encontramos solução. Quando despertamos, temos uma nova maneira de olhar o problema. Como acontece isso? Decerto, quando a mente consciente, depois de se ter preocupado com o problema, relaxa a tensão, nessa mente superficial, agora tranqüila, o inconsciente pode projetar-se: e ao despertar tendes a solução.

A mente consciente nunca está tranqüila; está perpetuamente ativa, em todas as suas camadas. Não é possível, nas horas em que estamos despertos, aquietar a mente; mas quando, durante o sono, a camada superficial da consciência está tranqüila, o

inconsciente se projeta e fornece a resposta certa.

É só quando a mente, a consciência, não está a dar nome, a armazenar, mas apenas experimentando — é só então que há liberdade, libertação. O sono tem significação diferente. A questão é: que acontece quando o corpo dorme? Sem dúvida, a mente superficial está tranqüila; mas a consciência total continua a funcionar. A vastidão, a significação mais profunda do sono não é compreensível se não estamos perfeitamente cônscios, quando despertos, do processo da consciência. O processo da consciência está experimentando, nomeando e guardando ou registrando; e enquanto esse processo for mantido integral, não haverá liberdade.

A liberdade, a libertação só pode vir quando o pensamento cessa — sendo o pensamento produto da memória, a qual por sua vez é experimentar, dar nome, e registrar. A liberdade só é possível quando há um percebimento completo, tranqüilo, de tudo o que se passa em redor e dentro de nós. Suscita-nos isso a questão: que é percebimento?

• *A crença em Deus sempre foi poderoso incentivo a viver melhor. Por que negar Deus? Por que não procurar reavivar a fé do homem na idéia de Deus?*

Seria insensato negar Deus. Só o homem que não conhece a realidade emprega palavras destituídas de significação. O homem que diz que sabe, não sabe; o homem que experimenta a realidade, momento por momento, não tem meios de comunicar essa realidade. Examinemos esta questão. Os homens que lançaram a bomba atômica sobre Hiroshima disseram que Deus estava com eles; os que voavam da Inglaterra para destruir a Alemanha, diziam que Deus era seu co-piloto. Os Hitlers, os Churchills, os generais, todos falam de Deus, têm imensa fé em Deus. Estão eles prestando algum serviço ao homem, dando-lhe uma vida melhor?

Os que dizem crer em Deus

devastaram a metade do mundo, e o mundo está cheio de misérias. Por causa da intolerância religiosa, temos separações das pessoas em crentes e não-crentes, separações que conduzem a guerras religiosas. O que isso indica é que tendes uma mentalidade extraordinariamente política. E o capitalista tem sua gorda conta-corrente no banco, o coração insensível e a mente vazia. Não riais. Não riais, porque fazeis exatamente a mesma coisa. Os que têm o coração vazio também falam de Deus.

A crença em Deus será "um poderoso incentivo a viver melhor"? Por que precisais de incentivo para viver melhor? O vosso incentivo, certamente, deve ser o vosso próprio desejo de viver com pureza e simplicidade, não achais? Se desejais um incentivo, não vos interessa tornar a vida possível para todos, só vos interessa o vosso incentivo, que é diferente do meu — e vamos brigar por causa dos nossos incentivos. Mas se vivemos felizes, todos juntos, não porque cremos em Deus, mas porque somos entes humanos, possuiremos então em comum todos os meios de produção, a fim de produzirmos para todos as coisas necessárias.

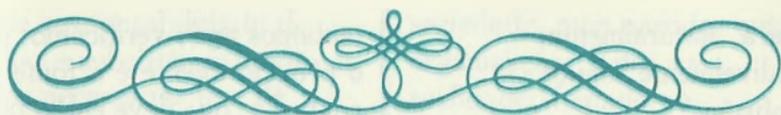
Por falta de inteligência, aceitamos a idéia de uma superinteligência, chamada "Deus"; mas esse Deus, essa superinteligência, não vai dar-nos uma vida melhor. O que leva a uma vida melhor é a inteligência; e não pode haver inteligência se há crença, se há divisões de classe, se os meios de produção se acham nas mãos de uns poucos, se há nacionalidades isoladas e governos soberanos. Tudo isso, evidentemente, denota falta de inteligência, e é essa falta de inteligência que está impedindo uma vida melhor, e não a falta de crença em Deus.

O outro ponto, agora, é este: que significa "Deus"? — Em primeiro lugar, a palavra não é Deus, a palavra não é a coisa. Quando pronunciais a palavra "Deus", isso não é Deus. Quando repetis essa palavra, ela, naturalmente, produz uma certa sensação, uma reação agradável. Ou, se dizeis que não credes em Deus, esta negação tem também um

significado psicológico. Isto é, a palavra "Deus" gera em vós uma reação nervosa, que é também emocional e intelectual, conforme o vosso condicionamento; mas essas reações, evidentemente, não são Deus.

Como, então, achar a verdade? Não a achareis no isolamento, na renúncia à vida. Para achar a verdade, a mente precisa estar livre da reação do passado; porque a verdade não pode ser vista quando a mente está fixada, — ela tem de ver de maneira nova, momento por momento. A mente que é produto da memória, do tempo, não pode acompanhar a verdade. Para que se torne visível a realidade, o processo de pensamento tem de findar.

Todo pensamento é produto do tempo, resultado de ontem; e a mente que está aprisionada na esfera do tempo não pode perceber algo que está além dela própria. O que ela percebe está sempre dentro da esfera do tempo, e o que pertence ao tempo não é a realidade. A realidade só pode existir quando a mente, que é produto do tempo, deixa de existir; há então o experimentar daquela realidade que não é fictícia, que não é auto-hipnose. Só se extingue o processo de pensamento quando compreendeis a vós mesmo; e podeis compreender a vós mesmo, não no retraimento à vida, mas tão-somente nas vossas relações com esposa, filhos, mãe, vizinho.

A realidade, portanto, não está distante, a regeneração não depende do tempo. A regeneração, essa revolução interior portadora de esclarecimento, só se concretiza ao perceberdes o que é. Ela não exige tempo, exige compreensão, exige atenção lúcida. — Só quando a mente está tranqüila vem a regeneração. A experiência da realidade não é questão de crença; quem crê nela, não a conhece, e quem fala a seu respeito está apenas dizendo palavras. Palavras não são experiência, não são a realidade. A realidade é imensurável, não pode ser ensinada com palavras floridas, assim como a vida não pode ser encerrada dentro das muralhas da posse. Só quando a mente é livre, vem a criação.

A Confusão da Mente

É bastante óbvio que a maioria de nós está confusa, intelectualmente. Vemos que os chamados guias ou chefes, em todos os setores da vida, não têm uma solução completa para as nossas várias questões e problemas. Os numerosos e antagônicos partidos políticos da direita ou da esquerda, não parecem ter encontrado a solução correta para as nossas dissenções nacionais e internacionais, e vemos também, socialmente, processar-se uma destruição completa dos valores morais.

Tudo em torno de nós parece desintegrar-se: os valores morais e éticos tornaram-se simples questão de tradição, sem muito sentido. A guerra, o conflito entre a direita e a esquerda, parece um fator constante e freqüente nas nossas vidas; por toda a parte vê-se destruição, confusão. Dentro de nós estamos completamente confusos, embora não gostemos de admiti-lo; vemos confusão em todas as coisas, e não sabemos ao certo o que devemos fazer.

A maioria de nós, reconhecendo esta confusão, esta incerteza, deseja fazer alguma coisa, e quanto mais confusos nos achamos, tanto mais ansiosamente desejamos agir. Assim, para aqueles que já reconheceram que existe confusão neles próprios e em redor de si, a ação se torna extremamente importante. Mas se um homem está confuso, como pode agir? Tudo o que ele faça, qualquer que seja o seu método de ação, há de ser confuso, e essa ação

criará, naturalmente, infalivelmente, maior confusão.

Seja qual for o partido, a instituição ou organização a que pertença, enquanto não afastar de si a confusão, tudo o que ele fizer há de, necessariamente, produzir caos maior. Que deve fazer então? Que deve fazer um homem que sente sincero empenho, um desejo sincero de dissipar a confusão que há em si e ao redor de si? Qual o seu primeiro dever: agir, ou dissipar a confusão dentro de si e, portanto, fora de si?

Julgo importante essa questão, que à maioria de nós desagrada encarar. Vemos tanta desordem social a necessitar reforma imediata, que a ação se torna um processo absorvente. Ansiosos como estamos por fazer alguma coisa, passamos logo à ação, tentamos promover reformas, ingressamos em partidos políticos da esquerda ou da direita; mas cedo descobrimos que as reformas precisam de outras reformas, os chefes precisam reagrupar-se, as organizações organizar-se melhor, etc. etc. Sempre que tentamos agir, verificamos que o próprio agente é a fonte da confusão; que deve então fazer aquele homem? Deve ele agir, confuso como está, ou conservar-se inativo? É este o problema que se apresenta à maioria de nós.

Ora, nós tememos estar inativos; e o recolher-se por um período de tempo para estudar todo o problema requer extraordinária inteligência. Se vos recolhêsseis por algum tempo para reconsiderar, reapreciar o problema, vossos amigos, vossos camaradas, vos considerariam um "escapista". Tornar-vos-íeis inexistentes, socialmente não estaríeis em parte alguma. Se quando todos agitam bandeiras e vós o não fazeis, se quando todos põem um determinado boné e não usais esse boné, vós vos sentis esquecido; e como a maioria de nós não gosta de ficar no segundo plano, atiramo-nos à ação.

Assim, é muito importante compreender o problema da ação e da inação. Não é necessário ficar inativo, para considerar o problema no seu todo? É claro que precisamos continuar a atender à nossa

diária responsabilidade de ganhar a subsistência: todas as coisas necessárias têm de continuar.

Mas as organizações políticas, religiosas, sociais, os grupos, as comissões, etc. etc. — há necessidade de pertencermos a elas? Se temos muito empenho, não é necessário que reconsideremos, que tornemos a analisar todo o problema da existência? E para tal, não é necessário, por ora, que nos afastemos, a fim de estudar, ponderar, meditar? Esse afastamento não é, verdadeiramente, ação? Nessa chamada inação há a extraordinária ação de reconsiderar toda a matéria, de reapreciar, de meditar sobre a confusão em que vivemos. Por que temos tanto medo de estar inativos? É inação considerar novamente um problema? Claro que não.

Sem dúvida, quem está evitando a ação é o homem que está ativo, sem ter reconsiderado o problema. Esse é que é o verdadeiro "escapista". Está confuso, e para escapar à sua confusão, à sua insuficiência, atira-se à ação, ingressa numa sociedade, num partido, numa organização. Está, na realidade, fugindo ao problema fundamental, que é a confusão. Estamos, pois, empregando mal as palavras.

O homem que se atira à ação sem reconsiderar o problema, pensando que vai reformar o mundo com o simples ingressar numa sociedade ou partido — esse homem é que está criando maior confusão e maiores desditas; enquanto o homem a que chamam inativo porque se retira e estuda seriamente o problema — não há dúvida de que esse homem está muito mais ativo.

Nos nossos tempos, principalmente, em que todo o mundo se acha à beira do precipício e acontecimentos catastróficos estão se verificando, não se torna necessário que uns poucos, pelo menos, fiquem inativos, e, deliberadamente, não se deixem colher por esta máquina, esta máquina atômica da ação, que nada produz a não ser maior confusão, maior caos? Certo, os que têm empenho hão de retirar-se, não da vida, não das atividades diárias, mas

retirar-se a fim de descobrir, estudar, explorar, investigar a causa da confusão; e para perceber, descobrir, explorar, não há necessidade de aderirmos aos numerosos planos e esquemas do que uma nova sociedade deveria ou não deveria ser.

Tais planos, evidentemente, são inúteis de todo; porque o homem que está confuso e só cuida de pôr em prática certos planos, ocasionará maior confusão. Por conseguinte, como já tenho dito e redito, o que mais importa, se desejamos compreender a causa da confusão, é o autoconhecimento. Sem compreendermos a nós mesmos, não pode haver ordem no mundo; sem explorarmos a fundo o processo do pensamento, do sentimento e da ação, em nós mesmos, nunca haverá possibilidade de paz mundial, de ordem e segurança.

Por conseguinte, o estudo de si mesmo é de importância primordial e não constitui um processo de fuga. Esse estudo de si mesmo não é mera inação. Pelo contrário, requer uma percepção extraordinária em tudo que fazemos, uma percepção na qual não haja julgamento, condenação, censura. Essa percepção do processo total de si mesmo, na vida diária, não é limitativa, mas sempre expansível, sempre iluminativa; e desse percebimento surge a ordem, primeiro em nós mesmos, depois externamente, em nossas relações.

O problema, pois, é de relação. Sem relações, não há existência; ser é estar em relação. Se apenas faço uso das relações, sem compreensão de mim mesmo, aumento a desordem e contribuo para maior confusão. A maioria das pessoas não parece perceber este fato: que o mundo são as minhas relações com outras pessoas, com uma só ou com muitas. Meu problema são as minhas relações. O que sou, eu projeto; é óbvio que se não me compreendo a mim mesmo, toda a vida de relação é só confusão, a estender-se em círculos cada vez mais amplos.

Nessas circunstâncias, as minhas relações assumem extraordinária importância, não as relações com a chamada

"massa", mas no mundo de minha família e meus amigos, por pequeno que ele seja — minhas relações com minha esposa, meus filhos, meu vizinho.

Num mundo de vastas organizações, vastas mobilizações de indivíduos, movimentos de massa, temos medo de agir em escala pequena, temos medo de ser pessoas insignificantes, ocupadas em limpar o seu próprio pedacinho de terra. Dizemos para nós mesmos: "Pessoalmente, que posso fazer? Preciso aderir a um movimento coletivo, a fim de promover a reforma." Pelo contrário, a verdadeira revolução não é realizável pelos movimentos coletivos, e sim por uma interior reavaliação das relações — só isso constitui verdadeira reforma, revolução radical e contínua.

Receamos começar em escala modesta. Por ser tão vasto o problema, pensamos que devemos enfrentá-lo junto com multidões de pessoas, com uma grande organização, com movimentos coletivos. Ora, precisamos começar a resolver o problema em escala pequena, e essa escala pequena é o "eu" e o "vós". Quando compreendo a mim mesmo, compreendo a vós, e dessa compreensão nasce o amor. O amor é o fator que está faltando — há falta de afeição, de cordialidade, nas relações; e porque falta esse amor, essa ternura, essa generosidade, essa compaixão, em nossas relações, escapamo-nos para a ação em massa, que produz maior confusão e maior miséria.

Enchemos os nossos corações de planos para a reforma do mundo, desprezando o único fator solucionador, que é o amor. Não importa o que façais, sem o elemento regenerador do amor, tudo o que fizerdes há de produzir mais caos. A ação do intelecto não produzirá solução alguma. Nosso problema são as relações, e não qual o sistema, qual o plano que devemos seguir, que espécie de Organização de Nações Unidas devemos formar; o problema é a falta total de boa vontade nas relações — não com a humanidade, que não sei bem o que significa — é a falta total de boa-vontade e amor

O autoconhecimento é o começo da sabedoria, é um campo de afeição, cordialidade e amor, e por conseguinte, um campo rico de flores.

nas relações entre duas pessoas.

Já verificastes como é extraordinariamente difícil trabalhar com outra pessoa, estudar um problema a dois ou a três? Se não podemos estudar problemas em companhia de dois ou três, como os podemos estudar com uma multidão? Só podemos estudar problemas juntos, quando existe aquela generosidade, aquela benevolência, aquela cordialidade do amor, em nossas relações; mas rejeitamos o amor e procuramos achar a solução no árido terreno da mente.

As relações, pois, são o nosso problema; e se não compreendemos as relações e nos pomos em atividade, produziremos maior confusão e maiores sofrimentos. Ação é relação; ser é estar em relação. O que quer que faça uma pessoa, quer se retire para uma montanha ou se instale numa floresta, não pode ela viver no isolamento. Só é possível viver em relação, e enquanto as nossas relações não forem compreendidas, não pode haver ação correta. A ação correta vem da compreensão das relações, as quais revelam o processo de nós mesmos. O autoconhecimento é o começo da sabedoria, é um campo de afeição, cordialidade e amor, e por conseguinte um campo rico de flores.

• *A instituição do matrimônio é uma das principais causas do conflito social. Cria uma ordem ilusória à custa de terrível repressão e sofrimento. Há outra maneira de resolver o problema do sexo?*

Todo o problema humano exige muito estudo, e para se compreender o problema, não deve haver rejeição ou aceitação. O que condenamos, não compreendemos. Precisamos, portanto, examinar o problema do sexo muito atentamente, muito amplamente e com todo o cuidado, passo a passo — como pretendo fazê-lo agora. Não vou preceituar o que se deve e o que se não deve fazer, pois isso é insensato, denota um pensar sem madureza.

Não se pode estabelecer um padrão para a vida, encaixar a vida num quadro de idéias; e porque a sociedade, inevitavelmente, põe a vida no quadro da ordem moral, a sociedade está sempre a engendrar desordem. Nessas condições, para se compreender esse problema, não devemos nem condenar nem justificar, mas estudá-lo por maneira inteiramente nova.

Pois bem, qual o problema? O sexo é um problema? Consideremo-lo juntos — não espereis uma resposta minha. Se é um problema, por que o é? Fizemos da fome um problema? A penúria se tornou um problema? As causas evidentes da penúria e da fome são o nacionalismo, as divergências de classe, as fronteiras econômicas, os governos separados, os meios de produção nas mãos de poucos, os fatores religiosos separativos, etc. Se tentarmos eliminar os sintomas sem desarraigar as causas, se ao invés de atacar a raiz nos limitamos a podar os ramos, porque é muito mais fácil isso, continua a existir o mesmo problema antigo.

Do mesmo modo, por que o sexo se tornou um problema? Para refrear o impulso sexual, conservá-lo dentro de uns certos limites, criou-se a instituição do matrimônio; e no matrimônio, a portas fechadas, entre quatro paredes, pode cada um fazer o que quiser, conservando, ao mesmo tempo, uma fachada respeitável. Fazendo uso de vossa esposa para satisfação sexual, podeis transformá-la numa prostituta, e isso é perfeitamente respeitável. Sob o disfarce do matrimônio, podeis ser piores do que um animal; e sem o matrimônio, não tendo um freio, não conheceis limites.

Desse modo, a fim de traçar um limite, estabelece a sociedade certas leis morais, que se tornam tradição, e dentro desse limite podemos ser imorais e ignóbeis à vontade; e essa incontinência sem peias, a vida sexual transformada em hábito, é considerada perfeitamente normal, salutar e moral.

Mas, por que é o sexo um problema? Para um casal, o sexo é problema? Absolutamente. Tanto o

homem como a mulher têm uma fonte garantida de prazer constante. Quando se tem uma fonte de prazer constante, quando se tem uma renda certa, que acontece? Tornamo-nos embotados, fatigados, vazios, exaustos. Já não notastes que pessoas cheias de vitalidade, antes do casamento, depois de casarem se tornam embotadas? Todas as fontes de vitalidade secaram, nelas. Já não notastes isso em vossos próprios filhos e filhas?

Por que se tornou o sexo um problema? É um fato patente que quanto mais intelectual a pessoa é, tanto mais sexual. Já o não notastes? E que quanto mais sentimento, afabilidade, afeição, existe, tanto menos há de sexo? Porque toda a nossa cultura social, moral e educativa está baseada no cultivo do intelecto, o sexo se tornou um problema cheio de confusão e de conflito. Por conseguinte, a solução do problema sexual reside na compreensão do cultivo do intelecto. O intelecto não é o instrumento da criação, e a criação não depende do funcionamento do intelecto; pelo contrário, só há criação quando o intelecto está em silêncio. Só quando há criação, tem significação o funcionar do intelecto; mas, sem criação, sem afeição criadora, o mero funcionar do intelecto cria, obviamente, o problema do sexo.

Como os mais de nós vivemos cerebralmente, como os mais de nós vivemos de palavras, e palavras são produto da mente, a maioria das pessoas não é criadora. Estamos inteiramente ocupados com palavras, sempre fabricando palavras novas e readaptando as velhas. Isso, por certo, não é criação. Visto que não somos criadores, a única possibilidade de expressão criadora que nos resta é o sexo. No ato sexual há esquecimento, e é só no esquecimento que há criação. O ato sexual, por uma fração de segundo, nos dá a libertação daquele "eu, que é a mente, e é por isso que ele se tornou um problema. Indubitavelmente, só há possibilidade de criação na ausência de pensamento, que pertence ao "eu", ao "meu".

Não sei se já notastes que em momentos de grande crise, em

momentos de grande felicidade, a consciência do "eu" e do "meu", que é produto da mente, desaparece. Nesse momento de dilatada apreciação da vida, de intensa alegria, há criação. Expressando-o de maneira simples: quando ausente o "eu", há criação; e uma vez que vivemos no árido terreno do intelecto, não encontramos, aí, momentos de ausência do "eu". Pelo contrário, nesse terreno, nessa luta para ser, há uma exagerada expansão do "eu", e, portanto, não há criação.

Por conseguinte, o sexo se torna o único meio de criar, de experimentar a ausência do "eu"; e logo que o mero ato sexual se torna um hábito, torna-se também fatigante e dá mais força à continuidade do "eu"; e assim se converte o sexo num problema.

Para se resolver o problema do sexo, cabe-nos considerá-lo, não num determinado nível de pensamento, mas de todos os lados, sob todos os aspectos — emocional, educacional, religioso e moral. Quando jovens, temos um forte sentimento de atração sexual, e casamo-nos — ou somos dados em casamento pelos nossos pais, como acontece aqui no Oriente. Aos pais só interessa, muitas vezes, ficar livre dos filhos e filhas, e o casal, o jovem e a jovem, nenhum conhecimento possui de assuntos sexuais.

Pela lei sagrada da sociedade, pode o marido oprimir a esposa, destruí-la, dar-lhe filhos cada ano, e tudo isso está muito bem. Sob o disfarce da respeitabilidade, pode ele tornar-se uma pessoa completamente imoral. Cumpre compreender e educar o rapaz e a rapariga — e isso exige uma inteligência extraordinária por parte do educador. Infelizmente, nossos pais, mães e preceptores, todos necessitam desta mesma educação; são eles tão insípidos como água de lavagem, só sabem "o que se deve e "o que se não deve" fazer, só conhecem tabus, falta-lhes inteligência para este problema. Para ajudar o jovem e a jovem necessita-se de um preceptor novo, verdadeiramente educado. Mas, pelo cinema e pelos anúncios, com suas raparigas seminuas, suas mulheres, lascivas e casas suntuosas, e

por vários outros meios, a sociedade está estimulando os valores sensuais, e que se pode esperar daí?

Se é casado, o homem se satisfaz à custa da esposa; se é solteiro, vai procurar alguém, às ocultas. É um problema difícil o de despertar a inteligência do jovem e da jovem. Por toda a parte entes humanos exploram-se uns aos outros, pelo sexo, pela propriedade, nas relações; e religiosamente, não há nada, nada mesmo, de criador. Muito ao contrário, a constante meditação, os ritos e *pujas* são puros atos mecânicos com certas reações; mas isso não é pensar criador, não é viver criador.

Religiosamente, somos meros tradicionalistas, e por isso não há nenhuma investigação fecunda, para o descobrimento da realidade. Religiosamente, estais subordinados a uma disciplina, e onde há disciplina, seja no sentido militar, seja no sentido religioso, não pode, decerto, haver ação criadora; por isso, buscais a expressão criadora no sexo. Libertai a mente da ortodoxia, de ritos, disciplinas e dogmatismos, para que ela possa ser criadora, e o problema do sexo deixará de ser tão grande ou tão dominante.

Há um outro aspecto deste problema; nas relações sexuais entre homem e mulher não há amor. A mulher é utilizada apenas como um meio de satisfação sexual. Positivamente, senhores, o amor não é produto da mente; o amor não é resultado do pensamento; o amor não é o fruto de um contrato. Aqui neste país, o jovem e a jovem casam-se quase sem se conhecerem, e têm relações de sexo. Aceitam um ao outro, dizendo: "Tu me dás isto e eu te dou aquilo" ou "Tu me dás o teu corpo e eu te dou segurança, te dou minha afeição calculada."

Quando o marido diz "amo-te", isso é pura reação da mente; pelo fato de proporcionar à esposa uma certa proteção, espera e obtém concessões da parte dela. Essas relações de cálculo chamam-se amor. Isso é um fato patente: posso desagradar-vos por expressá-lo tão brutalmente, mas este é o fato real. Essa espécie de casamento dizem que se faz por

amor, mas não passa de mera troca mercantil: é um casamento *bania* ([1]), revelando a mentalidade de feira. Por certo, nesse casamento não pode haver amor, pode?

O amor não é coisa da mente; mas, visto que cultivamos a mente, empregamos a palavra "amor", abrangendo a esfera da mente. Ora, decididamente, o amor nada tem que ver com a mente, ele não é produto da mente; o amor é de todo independente de cálculo, de pensamento. Quando não existe amor, então a estrutura do casamento como instituição se torna uma necessidade. Quando há amor, o sexo não é problema; é a falta de amor que faz dele um problema. Não o sabeis? Quando amais alguém verdadeiramente, profundamente — não com o amor da mente, mas com aquele amor que vem do coração, vós lhe dais, a ele ou a ela, de tudo o que tendes, não só o corpo, mas tudo. Na vossa tribulação, pedis-lhe ajuda, e ela vo-la dá. Não há divisão entre homem e mulher quando amais alguém, mas existe um problema sexual quando não conheceis esse amor. Nós só conhecemos o amor do intelecto; o pensamento o produziu, e um produto do pensamento é sempre pensamento, nunca amor.

O problema do sexo, pois, não é simples e não pode ser resolvido no seu próprio nível. Querer resolvê-lo biologicamente, apenas, é absurdo; abeirar-se dele pela religião, ou tentar resolvê-lo como se ele fosse mera questão de ajustamento físico, de funcionamento glandular, ou cercá-lo de tabus e condenações, é muito pueril e estúpido. Este problema exige inteligência de ordem superior. A compreensão de nós mesmos, em nossas relações com outras pessoas, requer inteligência muito mais ágil e sutil do que o compreender a natureza.

Mas queremos compreender, sem ter inteligência; queremos ação imediata, solução

---

([1]) Isto é, próprio do banian, *membro da casta dos mercadores, na Índia (N. do T.).*

Como pode o homem viver sem amor? Só pode existir; e a existência sem amor significa controle, confusão e sofrimento — e é isso o que a maioria de nós está criando.

imediata, e o problema se torna cada vez mais grave. Já não vistes um homem que tem o coração vazio — como o seu rosto se enfeia e como produz filhos feios e imaturos? E porque não se lhes dá afeição, permanecem eles imaturos toda a vida. Olhai vossos rostos ao espelho: vede como são sem forma, vagos! Tendes cérebro para investigar e estais na dependência do cérebro. O amor não é mero pensamento: os pensamentos são só a ação superficial do cérebro. O amor é mais profundo, muito mais profundo; e a profundeza da vida só pode ser descoberta no amor. Sem amor, a vida não tem significação — e esse é o lado doloroso da nossa existência. Envelhecemos sem ter amadurecido; nossos corpos se tornam velhos, obesos e feios, e permanecemos incapazes de pensar. Lemos e falamos acerca do perfume da vida, sem nunca chegarmos a conhecê-lo.

Só cuidar de ler e de verbalizar, isso indica total ausência daquele ardor de coração, que enriquece a vida; e sem essa qualidade que se chama amor, podeis fazer o que quiserdes, ingressar em qualquer sociedade, criar qualquer lei, não conseguireis resolver o problema. Amar é ser casto. O mero intelecto não é castidade. O homem que se esforça pelo pensamento, para ser casto, é incasto, porque não tem amor. Só o homem que ama é casto, puro, incorruptível.

• *Na moderna estrutura da sociedade é impossível viver sem organização. Evitar toda espécie de organização é puro "escapismo". Podemos chamar o sistema postal um núcleo de poderio? Qual deveria ser a base da organização, na nova sociedade?*

Todas as organizações existem a bem da eficiência. Os correios são uma organização para a eficiência das comunicações; mas, quando o diretor dos correios se torna uma espécie de tirano para os seus funcionários, convertem-se os correios num instrumento de poderio, não achais? Ao diretor-geral dos correios interessa a eficiência das comunicações, pelo menos deveria interessar; o seu posto

não foi criado como um meio de exercer poder, autoridade, como um meio de auto-engrandecimento — como é, de fato.

Assim, toda a instituição ou organização é utilizada por entes humanos, não apenas no interesse da eficiência das comunicações, da distribuição, etc., mas também como instrumento de poder — que é o que eu reprovo. Naturalmente, os correios, os transportes urbanos, e vários outros serviços públicos são uma necessidade na moderna sociedade, e devem ser organizados. A usina de força que gera a eletricidade requer cuidadosa organização; mas, quando essa organização é utilizada para fins políticos, como meio de auto-engrandecimento, como meio de exploração, a organização se converte em instrumento de inaudita brutalidade.

Agora, as organizações religiosas, tais como o hinduísmo, o catolicismo, o budismo, etc., não existem a bem da eficiência e são, portanto, inteiramente desnecessárias. Tornam-se entidades perniciosas; o sacerdote, o bispo, a igreja, o templo, constituem um meio tremendo de exploração. Eles vos exploram pelo temor, pela tradição, pelas cerimônias. A religião é, óbvia e verdadeiramente, a busca da realidade, e tais organizações são dispensáveis, porquanto a realidade não pode ser "administrada" por um grupo organizado de pessoas. Ao contrário, um grupo organizado de pessoas se torna um empecilho à realidade; por isso, o budismo, o cristianismo, ou qualquer outra crença organizada, é um obstáculo à verdade.

Por que necessitamos de tais organizações? Eficientes elas não são, uma vez que a busca da verdade está em vossas mãos, não pode realizar-se por meio de uma organização, nem por meio de um *guru* nem seus discípulos, quando organizados para ter poderio. Necessitamos, é claro, de organizações técnicas, tais como os correios, os transportes, etc.: mas, por certo, quando o homem é inteligente, qualquer outra espécie de organização é desnecessária. Porque não somos inteligentes, investimos

outras pessoas que se dizem inteligentes de poderes para nos governar. Um homem inteligente não precisa ser governado; não precisa de organização alguma, além das que são necessárias, para maior eficiência da vida.

As coisas necessárias à vida não podem ser verdadeiramente organizadas enquanto se acharem nas mãos de uns poucos, de uma classe ou grupo; e quando os poucos atuam como representantes dos muitos, existe, por certo, o mesmo problema do poder. Vem a exploração quando as organizações são utilizadas como instrumentos de poder, quer pelo indivíduo, quer pelo grupo, pelo partido ou pelo Estado. É essa auto-expansão, mercê da organização, que é perniciosa, como, por exemplo, a de um Estado que se identifica como governo soberano — que anda sempre de mãos dadas com o nacionalismo, e no qual o indivíduo está também envolvido. É o poder expansionista, agressivo, de defesa do "eu", que é condenável.

Quando as organizações são utilizadas pelos espertos, pelos astutos, como meio de explorar os outros, devem ser erradicadas; e só o serão quando vós, individualmente, no vosso pequeno círculo, não estiverdes em busca de poder, de domínio. Enquanto existe a busca de poder, haverá um "processo" hierárquico, do ministro do governo ao funcionário, do bispo ao vigário, do general ao soldado raso.

Sem dúvida, só teremos uma sociedade decente, quando os indivíduos não mais estiverem em busca do poder, em nenhum sentido — pela riqueza, por meio das relações ou de uma idéia. É a busca de poder que é a causa deste desastre, desta desintegração da sociedade. Nossa existência, atualmente, é toda feita de política de força, domínio na família pelo marido ou pela mulher, de domínio por meio de uma idéia. A ação baseada numa idéia é sempre um fator de separação e nunca de compreensão; e a busca de poder, seja pelo indivíduo, seja pelo Estado, denota expansão, cultivo do intelecto, em que não existe amor.

Quando amais alguém, sois muito cuidadoso, organizais espontaneamente, não é verdade? Sois vigilante, sois eficiente no ajudar a este ou àquele. E quando não existe amor, que nasce a organização como instrumento de poder. Quando amais o próximo, quando sois cheio de afeto e generosidade, então as organizações têm significação inteiramente diversa, conservando-se em seu nível próprio. Mas quando a posição do indivíduo assume a máxima importância, quando há ânsia de poder, as organizações são utilizadas como o meio de se alcançar esse poder — e a força e o amor não podem co-existir.

O amor é sua própria força, sua própria beleza, e é porque os nossos corações estão vazios que os enchemos com as coisas da mente; e as coisas da mente não são coisas do coração. Porque os nossos corações estão cheios das coisas da mente, interessamo-nos pelas organizações como meios de promover a ordem, de promover a paz mundial. Não são as organizações, mas só o amor que pode implantar a ordem e a paz no mundo; não são os planos de alguma Utopia, mas só a boa vontade que pode efetuar a conciliação entre indivíduos. Porque não temos a chama do amor, dependemos das organizações; e no momento em que temos organizações sem amor, os espertos e os astutos galgam o posto mais alto e tiram proveito delas.

Fundamos uma organização para o bem-estar da humanidade, e antes de darmos fé já alguém tomou conta dela para seus próprios fins. Desencadeamos revoluções, revoluções sangrentas e desastrosas, para promover a ordem mundial, e antes de o sabermos, o mundo já se acha nas mãos de uns poucos maníacos do poder, que se tornam uma nova e poderosa classe, um novo grupo dominante de comissários, com sua polícia secreta, — e o amor é enxotado para fora.

Como pode o homem viver sem amor? Só pode existir; e a existência sem amor significa controle, confusão e sofrimento — e é isso o que a maioria de nós está criando. Organizamo-nos para a existência e

aceitamos o conflito como inevitável, porque nossa existência é uma busca constante de poder.

Sem dúvida, quando amamos, a organização tem o lugar que lhe compete, seu lugar próprio; mas, sem amor, a organização se torna pesadelo, coisa puramente mecânica e eficiente, tal como um exército. Quando houver amor, não haverá mais exércitos; mas como a sociedade moderna está baseada na mera eficiência, temos de ter exércitos, e a finalidade de um exército é gerar guerras. Mesmo durante a chamada paz, quanto mais intelectualmente eficientes somos, tanto mais cruéis, mais brutais, mais sensíveis nos tornamos. Eis por que há confusão no mundo, eis por que a burocracia se torna cada vez mais poderosa, por que mais e mais governos se vão tornando totalitários.

Sujeitamo-nos a tudo isso como inevitável, porque vivemos pelo cérebro e não pelo coração, e é por isso que não existe amor. O amor é o mais perigoso e mais incerto elemento de nossa vida; e porque não desejamos estar na incerteza, porque não desejamos estar em perigo, vivemos pela mente. O homem que ama é perigoso, e não desejamos viver perigosamente, queremos viver apenas dentro do molde da organização, pensando que as organizações trarão ordem e paz ao mundo. As organizações nunca trouxeram a ordem e a paz. Só o amor, só a boa vontade, só a caridade pode trazer a ordem e a paz, no final de tudo, e, portanto, agora.

● *Por que tem a mulher a propensão de se deixar dominar pelo homem? Por que se sujeitam as comunidades e nações ao mando de um chefe ou* fuehrer?

Por que dominais a mulher ou o homem? E essa dominação é também chamada amor, não é exato? Quando o marido domina, a mulher gosta disso e considera-o afeição; e quando a esposa governa o marido, ele também gosta disso. Por quê? Denota isso que a dominação proporciona

um certo sentimento de maior proximidade, nas relações. Se minha mulher me domina, sinto-me muito perto dela, e se não domina, penso que é indiferente.

Temeis a indiferença por parte de vossa esposa ou de vosso marido, por parte da mulher ou do homem. Estais pronto a aceitar qualquer coisa, contanto que não sintais que alguém é indiferente. Sabeis como desejais estar bem próximo do vosso *guru;* estais disposto a tudo — a sacrificar vossa esposa, a sinceridade, tudo — só para estar perto dele, porque desejais sentir que ele não é indiferente para convosco. Isto é, servimo-nos das nossas relações como um meio de auto-esquecimento; e enquanto as relações não nos mostram o que somos realmente, estamos satisfeitos. Eis por que aceitamos o domínio de outra pessoa.

Quando minha mulher ou meu marido me domina, isso não revela o que sou, sendo uma fonte de satisfação. Se minha mulher não me domina, se é indiferente e eu descubro o que realmente sou, isso causa muita perturbação. Que sou eu? Um ente vazio, rígido, confuso, com certos apetites — e tenho medo de enfrentar todo esse vazio. Por isso aceito o domínio de minha esposa ou de meu marido, porque me faz sentir muito perto dele ou dela, e não desejo ver-me tal qual sou. E esse domínio dá um sentimento de relação, esse domínio gera o ciúme: se não me dominais, é porque estais com os olhos noutra pessoa. Por isso, tenho ciúmes, porque vos perdi; e não sei como livrar-me do ciúme, o qual está também no plano do cérebro. O homem que ama não é ciumento. O ciúme é coisa do cérebro, mas o amor não pertence ao cérebro; e onde há amor não há domínio.

Quando amais alguém, não sois dominante, sois parte dessa pessoa. Não há separação, mas completa integração. É o cérebro que separa, e cria o problema da dominação.

"Por que se sujeitam comunidades e nações ao mando de um chefe?" Que são comunidades e nações? Um grupo de indivíduos que vivem juntos. Por outras palavras, a sociedade, a comunidade, a

nação, sois vós, o indivíduo, em vossas relações com outro indivíduo; isso é um fato patente. Por que procurais um chefe? Vós o fazeis, evidentemente, porque estais confuso, não é verdade? Um homem lúcido, íntegro, não precisa de chefe. Para ele um chefe é uma coisa molesta, um fator de desintegração na sociedade.

Procurais um chefe porque estais confuso; não sabeis o que fazer, e desejais que vos digam o que deveis fazer, e por isso procurais métodos de conduta, social, política e religiosa. Confuso, como estais, procurais um chefe — vede bem o que isso subentende. Se, quando estais confuso, buscais um chefe para vos tirar da confusão, significa isso que não estais em busca da claridade, não estais interessado na causa da confusão, mas só quereis que vos levem para fora dela.

Mas, visto que estais confuso, escolhereis um chefe também confuso. Não ireis procurar um chefe que vê claro, porque ele vos dirá que deveis olhar para a vossa confusão, em vez de fugir da mesma; dir-vos-á que a causa da confusão está em vós mesmo. Mas não é isso que quereis; quereis um chefe que vos tire da confusão; e porque vossa mente está confusa, procurareis um que esteja também confuso.

Como pode a mente confusa guiar outra mente para fora da confusão? A mente que está confusa há de ter um guia também confuso; por conseguinte, todos os guias são inevitavelmente confusos, visto que nós os criamos por causa de nossa confusão — é importantíssimo se compreenda isso. Ao compreenderdes esse fato, não ireis procurar um chefe, mas vos tornareis responsável pela eliminação de vossa confusão. É só o homem confuso que, não sabendo como agir, procura um chefe para ajudá-lo a agir; mas o chefe está também confuso, e é por isso que os chefes são um fator de desintegração em vossa vida.

O chefe é "projetado" pela vossa própria confusão, e por conseguinte ele outro não é senão vós mesmo, sob forma diferente, como também o são os vossos governos. É a "autoprojeção" que cria o

chefe: um herói nacional é uma exteriorização, uma duplicata de vós mesmo. O que sois, ou o que desejais ser, assim é o vosso chefe; esse chefe, portanto, não pode tirar-vos do caos. A solução do caos está em vossas próprias mãos, e não nas mãos alheias. A regeneração é produto da compreensão de vós mesmo, e não do seguimento de alguém, porque esse alguém sois vós mesmo, mais eloqüente, mas igualmente confuso, igualmente tirânico, igualmente tradicionalista.

O problema, portanto, não é o chefe, mas, sim, como desarraigar a confusão. Pode alguém ajudar-vos a afastar a confusão? Se procurais alguém para afastar a vossa confusão, ele só poderá ajudar-vos a aumentá-la, porque a mente que está confusa é incapaz de escolher o que é claro; visto que está confusa, só pode escolher o que é confuso.

Se desejais libertar-vos radicalmente da confusão, tereis de pôr em ordem a vossa mente e o vosso coração e de considerar as causas responsáveis pela confusão. Só surge a confusão quando não há autoconhecimento.

Quando não me conheço a mim mesmo e não sei o que fazer ou o que pensar, naturalmente estou envolvido no torvelinho da confusão. Mas quando me conheço a mim mesmo, o processo integral de mim mesmo — o qual é extraordinariamente simples quando temos a intenção de nos conhecer a nós mesmos — então, dessa compreensão nasce a claridade, dessa compreensão resulta a conduta correta.

É pois de suma importância deixar-se de seguir o guia, e compreender a si mesmo. A compreensão de si mesmo traz amor e traz ordem. O caos só existe em relação com alguma coisa, e enquanto não compreendemos essa relação há de haver confusão. Compreender as relações é compreender a mim mesmo, e compreender a mim mesmo é fazer nascer aquela qualidade de amor, na qual existe bem-estar. Se sei amar minha esposa, meus filhos ou meu próximo, sei amar a todo o mundo. Visto que não amo a ninguém, estou permanecendo apenas no nível intelectual ou verbal com relação à humanidade.

O idealista causa enfado: ama a humanidade com o cérebro, não a ama com o coração. Quando amais, não há nenhuma necessidade de chefe. São os vazios de coração que procuram o chefe, para encher esse vazio com palavras, com uma ideologia, com uma Utopia do futuro. O amor só está no presente, não no tempo, não no futuro. Para quem ama, a eternidade é agora; porque o amor é sua própria eternidade.

SABEDORIA E PENSAMENTO

SABEDORIA E PENSAMENTO SABEDORIA E PENSAMENTO SABEDORIA E PENSAMENTO

Indicado em cursos de Filosofia, Teologia, Sociologia, Letras, Comunicação e História

Os livros de bolso da Ediouro são publicados a preços acessíveis e formatos convenientes. Além de leves e portáteis cabem no bolso de um paletó ou na bolsa de uma mulher.

Capa: Lee

SABEDORIA E PENSAMENTO